

Oferta
-0. NOV. 1998

ANO III N. 157

18

MAIO

1944

PIEÇO AVOLSO

ESQ. 1\$50

UMA "ESTRÊLA" QUE DESAPARECE...

"NÃO VOLTAREI MAIS AO CINEMA!"

afirmou-nos a Milú na sua última entrevista á imprensa

(LEIA NÊSTE NÚMERO AS SUAS SENSACIONAIS DECLARAÇÕES)



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

DA CAPITAL

Lisboa velha

NÃO esquecerei jámais a impressão de sumptuosidade e de admiração que senti quando, aí por Fevereiro de 1874, vindo da minha humilde aldeia, entrei em Lisboa.

Não tinha visto até então mais do que os casebres dos modestíssimos lavradores a cuja família me honro de pertencer.

A Lisboa do fim do século XIX, e especialmente a cidade baixa, caracterizada pombalina, apesar do seu fraco movimento e da monótona harmonia das suas construções, impressionaram o meu espírito de provinciano ingénuo, moço e ignorante, como a última palavra do urbanismo estonteante das capitais.

Começava nessa ocasião o assentamento da linha de Carris de Ferro Americanos, do Terreiro do Paço ao Conde Barão, e existia, não havia muito, a carreira de vapores de rodas para Alcantara e Belém, de cuja opulenta frota fazia parte o roncador e cuspinhento vapor «Progresso», com seu simbólico título de arrojado meio de transporte, e no qual tantas vezes embarquei.

Conheci em mim particularmente as ruas de S. Paulo e da Boa Vista, e conquanto, ligassem a parte ocidental da cidade com a baixa, não eram então, e apesar de tudo, mais movimentadas do que é hoje qualquer rua dos bairros excêntricos.

Sob o ponto de vista pitoresco, julgo terem sido estas ruas as mais características e de mais surpreendente efeito perspectico, o qual lhes vinha do seu arco e da sua longa fila de prédios desigualmente altos, e em cujas fachadas haviam enxertado remates de variadíssimas e graciosas curvas — evolução lógica da frontaria típica dos séculos anteriores.

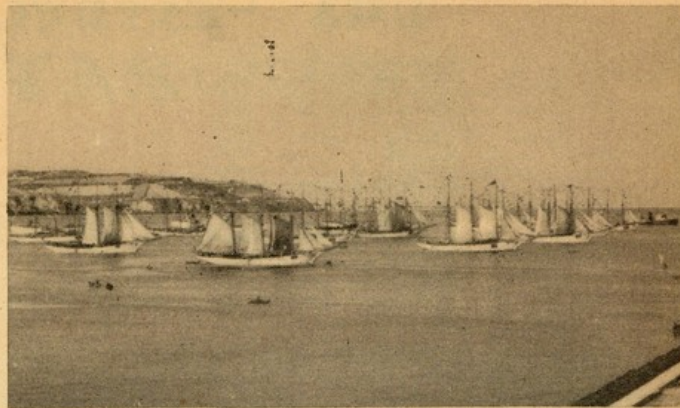
Breve porém, estas ruas, e as do resto da cidade, passaram infelizmente pelas maiores e mais desconchavadas transformações e, mais por perversão do gosto do que por necessidades de facto, foram as construções pombalinas e os seus lindos pormenores, sendo substituídos pelas correntezas de banalíssimos casarões de platibanda, cheios de veles exotismo, os quais, por minha desgraça e de alguns outros, que assim pensam, somos, quais passageiros deste outro «Progresso» — obrigados, bem constrangidamente, a olhar todos os dias.

ROQUE GAMEIRO

(do livro «Lisboa Velha»)

QUE CALOR!...

(Foto Miguel A. da Silva)



Quando êles vão para a Terra Nova...

ESTÃO de partida os pescadores portugueses para os bancos distantes da Terra Nova, onde vão à conquista, ou melhor, à pesca do ambicionado bacalhau, manjar dos reis e da plebe — hoje, mais dos reis do que da plebe...

Curiosa e pitoresca a odissela desses homens que durante meses vivem uma autêntica aventura de afoiteza e de esperança!

Agora, Lisboa costuma despedir-se deles, dando-lhes os mais sinceros votos de boa-viagem, por entre sorrisos e canções, por entre girândolas de foguetes e o espumar das ondas.

Depois, êles lá vão, a caminho dessa Terra Nova, que alguns já conhecem tão bem — enquanto Lisboa lhes fica a acenar num adeus saúdoso, num «até-breve» que salta ligeiro sobre as ondas do mar, no rasto de espuma deixado pelos barcos...

Mas Lisboa não sabe, geralmente, porque estranha aventura êsses homens rudes e lutadores têm de passar para conseguir um bom êxito na sua viagem.

Sim! Não sabe que «no lado da costa sul da Terra Nova passa a corrente de água quente do golfo Stream, vinda do México; e do lado da costa norte passa, em sentido contrário, uma corrente de água fria, vinda da Groelândia». E o cruzamento das duas correntes de temperaturas verdadeiramente opostas produz nevoeiros densos, densíssimos, que dificultam a navegação e a tornam, sobretudo, muito perigosa e arriscada.

Onde o escritor português que quiser escrever um romance universal sobre a vida destes arrojados lóbos do mar?

Umás vezes, um golpe de mar passa pela coberta do navio e arrasta traiçoeiramente um marinheiro mais descuidado ou menos expedito... Outras vezes é o próprio navio que fica bloqueado pelos gelos, e não são raros os exemplos de equipagens que se tenham visto forçadas «a hibernar no meio das banquises, ficando privadas então, por quasi um ano inteiro, de todas as relações com o resto do mundo».

Eis como um jornalista do passado descreveu a jornada gloriosa desses homens, tíãs desconhecidos para quasi todos nós!

«Todos vão animados de fagueiras esperanças na campanha. Chegados lá é que principia o trabalho rude e constante, quando o tempo e os «icebergs» não impedem que os botes de pesca, que na linguagem técnica se chamam «dorís», sejam arriados.

Cada dia, um homem parte no seu «dorís» e, sózinho, isolado, vai lançar a linha a algumas braças do navio a que pertence. Terminado o seu dia de trabalho, volta a bordo, com o escaler cheio, se teve sorte de acertar com um cardume de bacalhau, ou com o escaler vazio, se o peixe não apareceu. E durante três ou quatro meses é sempre a mesma existência de invariável monotonia, igual, isocrona. É raro qualquer facto anormal, que modifique o regime que acabamos de descrever, e quando sucede ocorrer algum, poucas vezes, infelizmente, deixa de ser um desastre, uma desgraça lamentável.

Eis um relato da pesca de bacalhau, nos tempos de ontem. E nos tempos de hoje, a odissela continua a ser a mesma.

Por isso mesmo, quando Lisboa se despede dos heróicos navegantes, por entre festas e bênçãos — dá-lhes coragem para a jornada e esperança para o sonho de sempre.

CINCO MINUTOS D'INQUÉRITO

Qual é a rua mais bonita de Lisboa?

UMA noite destas, o repórter viu uma rua linda, muito linda, que o maravilhou. E na manhã seguinte, o repórter saiu com uma ideia fixa: procurar às caras conhecidas que fôsse encontrando pelo caminho «qual a rua mais bonita de Lisboa?».

Assim fez — e aqui estão os resultados — ou, melhor, as respostas — a esse inquérito rápido... Tão rápido que se lê em cinco minutos...

A OPINIÃO DUM PINTOR

Paulo Ferreira, um artista que não necessita de apresentações, diz, sorrindo: — Gosto muito da rua das Flores. Sabe porquê? Por causa das flores. Pena é que elas só existam dentro das casas...

A OPINIÃO DUM JORNALISTA

«Doublé» de jornalista e de escritor, Julião Quintinha anda sempre apressado. Não há tempo a perder... e êle passa, deixando um rasto de palavras:

— A rua mais bonita de Lisboa? Todas são bonitas, as que têm pitoresco e o ar característico das verdadeiras ruas alfacinhas...

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Fêz no domingo oito dias, descendo no Cais do Sodré às 19,45. Passava um «Arco do Cego» que já não pude tomar, porque ia muito cheio. Esperei até às 20,30 e não passou mais nenhum «Arco do Cego» nem «Almirante Reis». Creio que o estabelecido é um carro de vinte em vinte minutos — o que é pouquíssimo, visto que, quer para o Arco do Cego, quer para Almirante Reis, o movimento é sempre intensíssimo. Pois, nem o horário se cumpre! Aquelas duas zonas, principalmente para quem não fôr só até à Praça da Figueira ou à Praça do Comércio, estão muito mal servidas de carros. Será porque a Carris pretende — visto o bilhete custar só oito tostões — que os passageiros sejam obrigados a tomar dois carros? A verdade é só esta: se o passageiro do Cais do Sodré ou do Largo de São Paulo não consegue arranjar carros, porque estes estão a ser cada vez menos e o público é cada vez mais, só tem uma coisa a fazer: tomar dois carros, um até à Praça do Comércio ou Baixa e o outro depois até ao Chile ou Arco do Cego. A Companhia, assim, fica a lucrar cinco tostões, porque o que o passageiro fazia com oito tostões passa a curtir-lhe três. Não será esta, pois, uma forma da Carris iludir os compromissos que tomou, de se pagar de 80 centavos por três zonas? Atenção, pois, quem de direito!

ANTÓNIO SILVA PINTO
— Avenida 24 de Julho, 8

Há dias aconteceu-me esta coisa bastante curiosa, inexplicável mes-

mo. Quis registar uma carta na secção de Correios e Telégrafos do Chiado. Para isso, lacrei a carta, como é de uso, e sobre o lacre meti o meu sinete que é um trevo de quatro fôlhas. Tenho registado dezenas de cartas em toda a minha vida, aqui em Lisboa e na provincia, e nunca apareceu nenhuma empregada a dizer-me — num excesso de zelo, creio — que aquêlê sinete não servia porque era um trevo e não tinha nenhuma inicial.

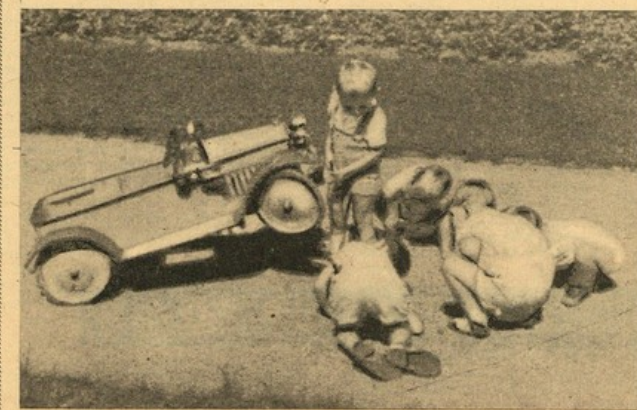
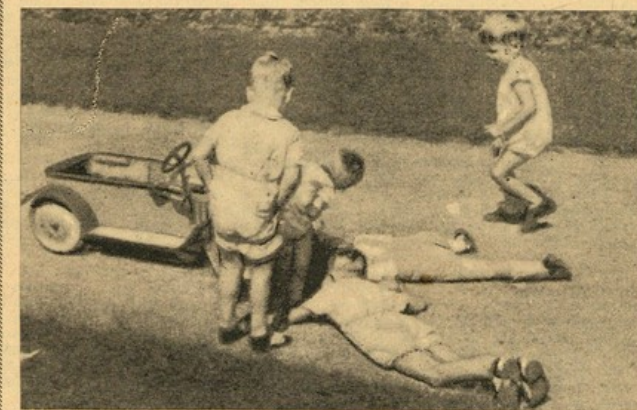
Pregunto: para registar uma carta, não é necessário que ela seja lacrada? Que mal fará, então, que eu a lacre com o meu sinete, seja êle um trevo ou duas letras entrelaçadas?

EVELVINA SANTOS

Sou comerciante, estabelecido na Baixa com uma pequena casa de tabacos. Actualmente, como toda a gente sabe, o tabaco nacional escasseia e para evitar especulações, as autoridades competentes resolveram racionar êste artigo com porções diárias que nós, comerciantes, somos obrigados a vender. Isto é, para cada dia estabelece-se a quantidade «X» de tabaco. Não se pode vender nem mais um cigarro nem menos um cigarro. A policia, incluindo a do giro, está autorizada a entrar em qualquer casa e verificar se todo o tabaco dêsse dia foi ou não vendido. Mas nada disto impedirá, naturalmente, que apareça um freguês mal-intencionado que, depois de se ter acabado o tabaco dêsse dia, venha reclamar e obrigar a policia a intervir para uma verificação. Neste caso — e muitos acontecerão, certamente — quem ficará prejudicado será o vendedor porque, enquanto se procede a estas verificações, não terá tempo nem possibilidade de atender outros clientes.

M. P. R.

UMA «PANNE»...



O automobilismo sempre tem as suas «coisas», mesmo quando se trata de automóveis de brincar. Por estas quatro fotos podem avaliar a tragédia de uma «panne» — e a tragédia dos infelizes dos passeantes que acabam (é assim que se acaba sempre, nestes casos) por levar o empanado carro a reboque...

REPÓRTER DOIS

A batalha inevitável

ANTES da guerra, o Hyde Park, de Londres, com a sua fresca «Serpentina», onde cruzavam cismes e botes, era o local onde toda a gente passava quantas espécies de passeio lhe apetecia e onde, ao mesmo tempo, pululavam os «meetings» mais contraditórios, formados em torno do orador puritano que chamava adeptos ao «Army salvation», ou do que pretendia chamar a atenção para os párias indianos, de algum raro partidário de «sir» Oswald Mosley — o «Mussolini inglês», evadido do trabalho — ou mesmo de algum alegre incendiário que se lembrasse de advogar a liquidação das dores do mundo pela liquidação do próprio mundo, à força de uma carga de nitro-glicerina — se houvesse, na mentalidade britânica, alguém capaz de tão feroz e irremediável remédio... Mas havia auditório para tudo — e o inglês vulgar passava indiferente ou parava vagamente, indistintamente, a escutar os que diziam bem ou os que diziam mal, sem paizão, com o ar de quem vai ao mercado a ver o preço da fruta, mesmo que estivesse previamente resolvido a comer as bananas que lhe sobraram da véspera... Era assim o Hyde Park — feira de amostras de todas as fantasias e de todas as realidades do pensamento que não tinha outra tribuna mais apropriada. Em 1939, a um mês da guerra, já por lá passeavam os moços imberbes que eram os cadetes da R. A. F. — que no ano seguinte haviam de salvar a Inglaterra — ainda assim era exactamente.

A verdade é que o «estilo Hyde Park», a avaliar pelos acontecimentos, subsiste ainda hoje. Noutro dia, ao mesmo tempo que o Governo britânico intensifica as medidas que correspondem à sua convicção na eficácia do bloqueio à Alemanha, apareceu na própria Inglaterra uma voz a proclamar a inconsequência e a impiedade dessa procedência, tão verdadeira na concepção da política de guerra britânica. E isto acompanhado de expressões duras, a reclamar contra uma prática que, segundo o pensamento das vozes do protesto, incide, em última análise, sobre as populações civis, que não fazem a guerra mas têm de a suportar. Pode realmente supor-se e entender-se que estas vozes isoladas são de significação mínima — género «meetings» do Hyde Park — mas a verdade é que elas conseguem expressão pública, lugar nos jornais e até mesmo foros de comunicação para o estrangeiro pelos próprios veículos de expansão do pensamento britânico.

As mesmas considerações se podem fazer a respeito de um outro movimento de ideias proposto e exposto na Inglaterra — o que se refere a uma espécie de protesto contra a intensidade de peso e de ritmo dos bombardeamentos aéreos, actividade a respeito da qual foi possível produzir considerações idênticas, no que se refere aos inúteis sacrifícios das populações civis e de monumentos históricos — por menor, aliás, que encontrou eco, também, nos Estados Unidos. É certo que o ministro do Interior — o secretário do «Home Office», sr. Morrison — entendeu dever declarar em público que tais considerações de nenhum modo correspondiam ao pensamento do Governo — e para prova de que assim é basta apontar-se a incidência compacta dos sucessivos bombardeamentos lançados das bases aéreas da Inglaterra. Mas nem por isso deixa de ser facto digno de registo que dois fenómenos se produzam. Será que de tudo isto possa deduzir-se que — ao termo de quatro anos e oito meses de esforço ininterrupto e alucinante — os povos principiem de testemunhar indícios de certa fadiga pela guerra?

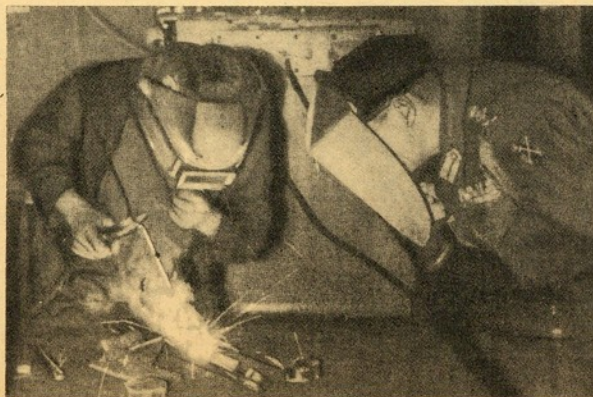
Nos Estados Unidos, intérpretes que as agências telegráficas consideram apropriados, deitam contas que a Alemanha poderá estar vencida a meio do ano que vem, e que essa será a altura de se fazer toda a definitiva força no Pacífico. E apontam-se números fabulosos, de homens e material, dados como superiores aqueles de que sem qualquer altura, dispuseram os alemães. Isto parece, realmente, contradizer a ideia de fadiga. Em boa verdade, se ingleses e americanos, com os seus aderentes, fazem concentrações monstruosas de meios, do lado alemão não deixa de se fazer apelo a todas as energias e a todos os recursos para alinhar elementos que possam fazer frente àquela ameaça. Dizia o marechal Lyantey que mais valia existir a força do que empregá-la. Mas tudo foi muito longe para que essa fórmula possa ainda nestas alturas encontrar aplicação. A batalha de 1944 não poderá deixar de dar-se. Evidentemente que ela determinará o desfecho da guerra.

J. R. S.

ESTADOS UNIDOS

O homem da máscara de ferro

Sim, senhores, a boina preta, a insígnia de general e o emblema das espadas cruzadas são do general Montgomery. Por detrás da máscara de ferro, ele observa como um operário fabrica as armas que os seus soldados irão usar na Invasão da Europa.



CHINA

A VIDA PRIVADA DE CHANG-KAI-CHEK

NAS regiões perdidas de Koko-Nor, nas quintas de Szechwan, nas trincheiras, nas casas burguesas — por toda a parte, na China milenária, se encontram hoje retratos de Chang-Kai-Chek, o homem mais popular dos países do Oriente.

Como vive, porém, este homem que conduz nada menos de quinhentos milhões de outros homens?

Pode dizer-se que ele intervém em todos os actos da vida política e administrativa da China, sem deixar de guardar algum tempo para escrever alguns dos seus disputadíssimos livros. Assim, ele sabe quando foi aumentada a pensão à mais humilde viúva, assiste às recepções e às reuniões políticas, sabe da estabilização do preço do algodão, que divisão seguiu para a frente da Birmânia, aprova um novo modelo de uniforme, prepara um discurso de inauguração, recebe dezenas de visitantes, lê Confúcius, ouve rádio — e faz uma pequena sesta depois de almoço, como se os dias para ele tivessem mais de 24 horas!

O jantar é a única refeição que sossegadamente toma com sua esposa. Depois do jantar, recebe sábios, gente eminente, especialistas de filosofia e em história. E, todas as noites, antes de se deitar, nunca se esquece de examinar a sua secretária — para ver se se esqueceu de fazer alguma coisa.

Chang, entretanto, é um chefe exigente: é capaz de fazer levantar o secretário às 3 horas da manhã, para lhe dizer que modifique a 28.ª linha, da 59.ª página de um caderno onde escreveu «dever» e onde quer que fique «obrigação»... Por outro lado, odeia os atrasos. Por isso dá sempre uma margem folgada para a conclusão de um trabalho — mas não perdoo que lhe faltem com as «encomendas».

Esse homem que passa o dia a trabalhar e não se esquece de dar aos filhos — quando estão à sua beira — conselhos e exemplos, não admite muita gente na sua intimidade — pois nem altas patentes do



Chang-Kai-Chek, num magnífico desenho de Morris Kallem

exército deixam de estar mantidos a distância. No fim de contas, se se contar bem, Chang não tem mais do que meia dúzia de amigos íntimos — antigos chefes de partido, professores e camaradas dos dias procelosos da revolução e do exílio no Japão.

De algum modo, esses homens representam para ele o papel de um cérebro — pois é deles que muitas vezes aceita, de boa mente, conselhos, sugestões e críticas. A influência da senhora Chang-Kai-Chek tem sido exagerada no estrangeiro: tem a sua esfera de actividade, mas não tenta, sequer, meter-se nos assuntos de seu marido — não obstante às vezes temperar de graça e moderação o ambiente bélico que a rodeia.

Chang, de resto, fez-se austero — austero e frugal — depois da vitória do seu partido. Por isso, talvez, detesta as cidades e prefere o campo e os «week-ends» calmos e próprios ao amadurecimento das ideias, às botas de campanha — e à jardinagem, pois o jardineiro da sua casa de campo pode gabar-se de ser uma das poucas pessoas que mais o ouviu falar...

Enfim, o homem que dirige, em pessoa, uma batalha formidável contra os japoneses, que é um dos quatro pilares da posição dos Aliados, na estratégia de guerra — é um homem simples, estudioso, que devora livros com os olhos e que não tem senão uma ambição: tornar forte e independente uma China fragmentada e enfraquecida.

INGLATERRA

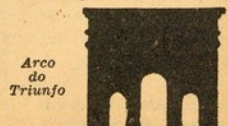
UMA BOMBA DE 60 METROS DE ALTURA

TRATA-SE, evidentemente, de uma suposição. Porque não há bombas com 60 metros de altura. Mas, admitamos a hipótese, para as bombas de 2.500 toneladas. O diagrama dá-nos, assim, uma ideia do que significa uma incursão aérea com o emprêgo de bombas tão respeitáveis em peso. Elas teriam a altura da estátua de Nelson, em Londres, e pareceriam gigantes ao lado do Arco do Triunfo de Paris.

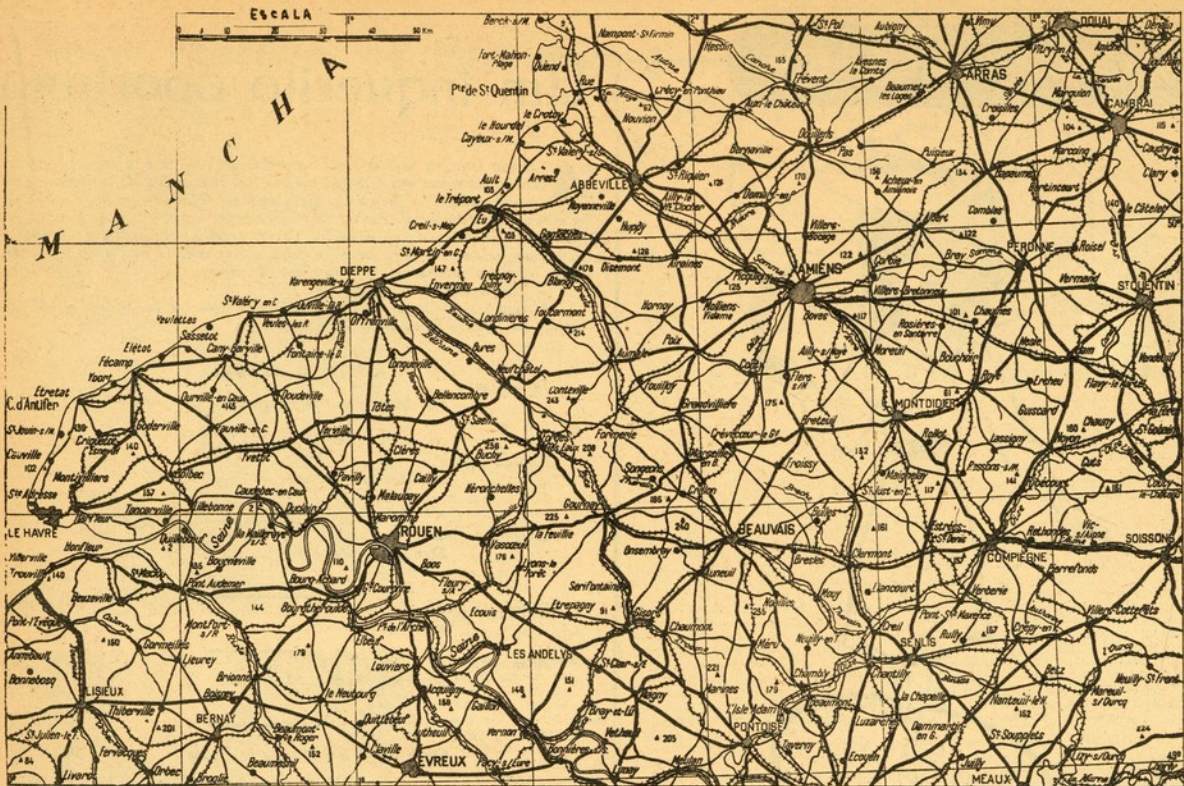
Vejam só...



Estátua de Nelson, tão alta como esta bomba



Arco do Triunfo



FRANÇA A MANCHA, ESSE CANAL DE QUE SE FALA...

RESPIGAMOS de «Tam» alguns elementos para este artigo sobre a Mancha, esse canal de que se fala mais que nunca, sempre que se discutem possibilidades de invasão.

A Mancha é um canal estreito e pouco profundo — todavia, não deixa de oferecer os seus perigos, por causa das correntes que o atravessam, das marés fortes e dos ventos de oeste. Nesses 500 quilómetros de costa, encontra-se de tudo: as escarpas de Artois, as terras baixas de Marquentera, as falésias de Dieppe no Havre, o estuário do Sena e os rochedos da Baixa Normândia.

A região articula-se, digamos, assim, partindo do norte: o porto de Bolonha, sobre o Liane, as praias monótonas e as dunas baixas de Marquentera, que tanto nos faz lembrar a Flandres, a baía de Somme com os seus pequenos portos aereos de Crotay e Saint-Valéry.

A partir de Hult, as falésias da região de Came seguem até ao sul do estuário do Sena, cuja crista domina as ondas mais de cem metros. Em cada um dos vales criados pelo abaixamento das praias, lá se encontra uma pequena praia, um pequeno porto mais ou menos importante, segundo a importância da depressão. A mais característica destas praias é Etretat, cujos extremos formam os portos de Aval e Amont, em realidade simples cavados na rocha que se precipita constantemente em blocos abruptos, dentro do mar.

Perto de Saint-Adresse, a falésia perde dois metros por ano — um desgaste formidável! — ao passo que em Caux os rios, espalhando-se, cavam na terra plana fundos sulcos.

A sudeste de Dieppe, a região de Bray forma uma brecha aberta no meio da planície. É um círculo profundo e alongado para sudoeste

e dominado por falésias de 240 metros — o caminho de Dieppe a Paris, via Forges-Gournay. Aqui, a chuva é freqüente.

Vejam, agora, quais são os cinco portos principais criados ao longo da Mancha: Trepot, Dieppe, Fécamp, Yport e Etretat — Dieppe, sem dúvida o primeiro dos cinco e já tristemente assinalado por um desembarque aliado, fracassado em toda a linha.

O Havre, no cabo de Hive, sobre a embocadura do Sena, é o grande porto francês da Mancha, pois o estuário do grande rio que traz no leito os sonhos de Paris, mede oito quilómetros entre o Havre e Honfleur e regista marés de seis a oito metros, não obstante o estuário estar às vezes embaraçado por grandes bancos de areia.

De um lado, o canal de Tancarville liga o Sena ao Havre; do outro

lado do estuário, a costa de Eure e Calvados começa sobre terrenos cavados: é bordada de falésias — rochas Vaches e negras — que vão da foz do Sena a Diva.

Os campos de Caen e de Caburgo têm, pelo contrário, costas baixas com magníficas praias de areia, protegidas pelos rochedos perigosos de Calvados — restos da demolição empreendida pelo mar.

Aqui, naturalmente, um desembarque seria mais fácil. Mas, porque essa hipótese — ou certeza — existe para uns e outros dos inimigos — os alemães tiveram o cuidado de tornar particularmente perigosa a acção dos ingleses.

No mapa que damos junto, e que tanto em pormenor nos mostra a vasta região da Mancha, poderemos seguir a marcha das operações — se, realmente, se registarem aqui, como muitos críticos estrangeiros admitem.

NA ENCRUZILHADA DAS ROTAS AÉREAS

CANADÁ

E preciso pensar em tudo em tempo de guerra, referente ao tempo de paz. Pelo menos, os homens embalam-se na doce ilusão de que podem desde já estabelecer as bases de uma nova e sã organização universal — o que não quer dizer estarem, afinal, no caminho de uma realidade absoluta. Todavia, este problema da organização de transportes aéreos, para depois da guerra, parece desde já merecer a aprovação de quantos estão fundamentalmente ligados ao problema. E, nesse ponto, os canadianos parece que são os mais interessados — porque o Canadá ocupa, de facto, uma posição geográfica excepcional, como ponto de cruzamento de todas as linhas aéreas entre a América do Norte e a Europa, sem esquecer essas outras entre o Extremo Oriente e a Rússia.

Segundo os melhores cálculos de J. Ducoudray, a leste, é pelo eixo de Montreal e do «Bouclier Laurentien» que passarão as grandes linhas americanas em direcção a Londres, Paris, Berlim e a Europa inteira. Para oeste, os aviões deverão sobrevoar o território canadiano, onde se abastecerão antes de chegar às bases do Alasca.

Neste momento, a Pan-American Airways estuda já a maneira de efectuar em 24 horas o trajecto Nova York-China, via Edmonton, situada na província canadiana de Alberta — e acrescenta-se que as linhas inglesas para os Estados Uni-

dos devem servir-se deste mesmo itinerário. Para a Ásia, os grandes aviões britânicos sobrevoarão as planícies geladas do norte canadiano. Isto significa que o Canadá é absolutamente necessário à Inglaterra, no dia em que este país resolve estabelecer a grande teia de comunicações aéreas — uma teia que os britânicos não dispensam, para manter a união do seu imenso império. Esta, de resto, deve ser uma das razões que levou «lord» Ellbank a propor recentemente à Câmara dos Lords o estabelecimento de um conselho permanente imperial em Otava. Toronto sonhou, durante muito tempo, tornar-se o «coração do império britânico». Irá agora a sua vizinha

Otava merecer essa suprema distinção?

De qualquer modo, a verdade é que, nos tempos de paz, o Canadá vai desempenhar com a aviação civil um papel tão importante como este que está a desempenhar com a aviação de guerra — e isso só lhe trará, entre outros grandes benefícios, a exploração das suas imensas riquezas naturais. Para tanto, o Canadá dispõe hoje de magníficos campos e escolas de aviação e indústria de aviões, tudo devido à acção dos canadianos, em primeiro lugar, e depois aos anglo-americanos. Segundo documentos divulgados, 60 por cento dos aviadores que combatem pelas cores inglesas são canadianos — e os

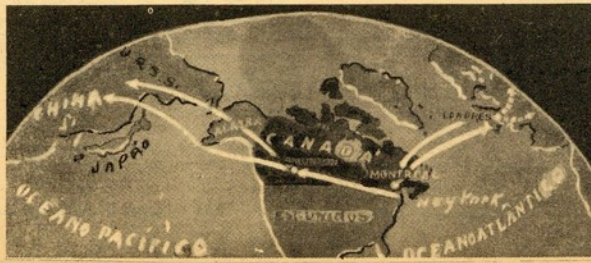
efectivos, que eram de 4 mil em tempo de paz, passaram para 200 mil homens.

MacKenzie King, Primeiro Ministro canadiano, reconhecendo as realidades, disse nos Comuns que o Canadá estava disposto a conservar e a beneficiar de tantas vantagens, no domínio comercial, logo que termine a guerra — querendo assim significar que, então, deverão ser revalidadas as prerrogativas que o país goza actualmente. MacKenzie King disse:

— Do ponto de vista militar, o Canadá é a quarta potência aérea das Nações Unidas. Depois da guerra, poderemos oferecer uma contribuição importante à aviação civil.

Seis meses depois destas declarações, os representantes da Grã-Bretanha e Domínios reuniram-se em Londres, para criar um só ponto de vista, em relação à aviação civil. Pouco se sabe do que então se passou. No entanto, no Canadá, Londres e Washington publicou-se que todos haviam concordado com o princípio de Roosevelt: liberdade dos ares — o que talvez não corresponda à verdade, porque os interesses dos conferencistas se chocam demasiado para que possam aceitar esta lei sem mais discussões.

Qualquer que sejam, porém, as conclusões finais, uma verdade é imutável: o Canadá é hoje a encruzilhada das grandes linhas aéreas inter-continetais. Assim o quis a geografia... — diz, com razão, J. Ducoudray.



CALÇADA DA GLÓRIA



As doze luas de mel da Milú

CHAMA-SE Maria de Lourdes. Todos a conhecem por Milú. Milú não é, porém, um nome de guerra: é um nome de paz.

Um belo dia, Milú surge vedeta da Rádio. A sua voz, ao mesmo tempo expressiva e doce, principia a entrar-nos em casa, como uma pessoa de família.

Inesperadamente a vedeta da Rádio surge estrela de Cinema. Pela mão do Costa — do célebre Costa do Castelo — entra em Hollywood, que, para a receber, arranhou um suave ar lisboeta.

Uma manhã, Milú, envolta numa nuvem branca casa. A Milú, converte-se na D. Milú. A vedeta da Rádio transforma-se em dona de casa. A «estrela» de cinema transfigura-se numa permanente «lua» de mel.

E a voz de Milú, rouxinol que fez ninho numa modesta rua, popular, eternamente cantará:

A minha alegre casinha
Desde a saleta à cosinha
É modesta como a rua:
Ai, que bom, meus Deus morar
Assim num primeiro andar
A contar vindo da lua!

Etc

À maneira de Eugénio de Castro

O teu desdém aumenta o meu desejo,
Fecho os olhos para não te ver,
Mas quanto mais procuro esquecer,
Mais me lembro de ti, e mais te vejo.

Alegremente atrás de ti cortejo.
Hei-de falar contigo, hei de vencer.
Na minha boca sinto água a crescer,
Digo-te sem favor, e sem ter pejo.

Sei que ainda hei de possuir-te, sei
E que, um dia, ditoso como um rei,
Hei de enlaçar teu corpo heterogéneo.

Meu coração não pára ou se amofina
E mesmo que lhe falte a gasolina
Juro-te que andarei a gaz... Eugénio!

Um inquérito oportuno

A guerra está por toda a parte na ordem do dia. Mesmo naqueles países, como felizmente em Portugal, em que tem sido conduzida sábiamente uma política de paz, a guerra não deixa de fazer sentir-se, com as suas maiores ou menores consequências. Por isso mesmo o nosso espírito tem de fortalecer-se para aceitar as circunstâncias. Cada um de nós deveria ser, pelo menos espiritualmente, um soldado. E para tomar o pulso a esta matéria, resolvemos proceder a um inquérito subordinado a este «mot. d'ordre»:

— Qual a situação militar de V. Ex.º?

As respostas mostram-nos, à evidência, que todos se encontram mobilizados, a cada um cabendo o seu quarto de sentinela:

Júlio Dantas: _____
Sou Médico-militar reformado.

Ramada Curto: _____
Considero-me veterano.

António de Macedo: _____
Dou «stros» teatrais

Ricardo Covões: _____
Faço peças.

Amarante: _____
Sou «João Ratão»... licenciado.

António Silva: _____
Comando os Voluntários da Ajuda.

Alguém do Povo: _____
Pago a taxa militar.



INTELLECTO E APETITE



A «Tábua Raza» — simpático grupo intellectual jantante — resolveu recentemente jantar no Aguiar, restaurante da rua do Carmo. No dia seguinte, o Aguiar fechava. Sobre este encerra-

mento se construíram variadas hipóteses e, entre elas, a de que a «Tábua Raza» arrazara, culinariamente, a casa, com o seu intellectuel e já proverbial apetite. Parece que esta hipótese é verosímil. Segundo nos informou ontem Cardoso Marta — que conhece o assunto — num simples jantar na «Tábua Raza» consumiu ao Aguiar todos os géneros que elle tinha armazenado para 20 anos... O restaurante viu-se assim, obrigado a fechar por falta de assunto...

tir, até que um dia o rei exclamou para Albuquerque:

— Estou farto de vos aturar: a ti e à rainha. Juraram que me haviam de dar cabo do picadeiro. Pois façam o que quiserem — e deixem-me em paz!

O PAR DE MELAS



Conta-nos José Bruges de Oliveira, belo espirito viajado e culto, esta história. Um marido entra numa loja de meias e dirige-se ao empregado:

— Deixa-me ver meias para se nhora?

O empregado:

— Para sua esposa — ou mais caras?

DIA DE ANOS



Um amigo nosso teve, há pouco, a fantasia de fazer anos. Pois no dia do aniversário o correio trouxe-lhe uma carta assinada por um grupo de senhoras da alta sociedade lisboeta

dando-lhe os parabéns — e pedindo-lhe, em comemoração da data que se festejava, uma esmola para uma casa de caridade. Longe de nós a ideia de criticar o gesto das altruistas senhoras. Simplesmente (pelo menos até agora) era de tradição que em dia de anos se recebessem presentes — em vez de os dar...

Tudo está mudado, enfim!

MUSEU DOS CÔCHES



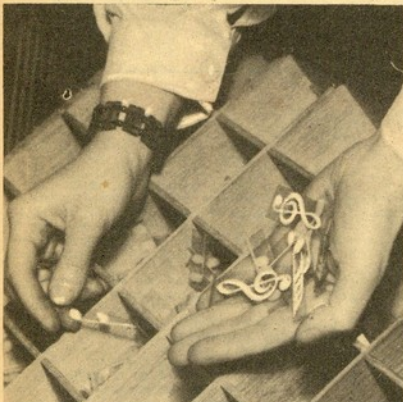
O Museu dos Côches foi agora ampliado. Não deixa de ser oportuno recordar a criação deste museu. Quando o coronel Alfredo de Albuquerque, porventura inspirado pela rainha

D. Amélia, pensou em instalar dignamente as equipagens reais, lembrou-se do picadeiro do Palácio de Belém. D. Carlos torceu o nariz. O quê! Dar cabo do melhor picadeiro da Europa! Que não pensasse nisso! Mas a Rainha insistiu, o coronel Albuquerque insistiu, um e outro voltaram a insis-

Novo processo de imprimir música



A película fotográfica que serve para imprimir a música



A caixa do tipo é muito semelhante às tipográficas



Assim, é possível reproduzir rapidamente grandes partituras

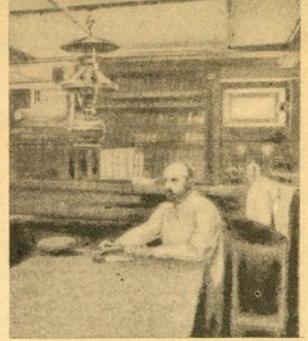
Até agora, havia duas possibilidades de reproduzir as músicas. Ou eram manuscritos litografados, com todos os defeitos inerentes à escrita individual, ou eram gravadas em placas de metal que serviam de padrão. Este processo é demorado e exige muito material e pessoal habilitado, o que o torna muito caro.

Pois, após 15 anos de estudo, o alemão Rudolf Junge descobriu, em 1943, um novo sistema que permite uma impressão mais rápida, fácil e econômica. Junge trabalha num grande quadro preto com velos horizontais, nos quais se coloca com uma massa branca o sistema de pautas. A distância entre as linhas pode ser alargada ou apertada. Todos os sinais em branco podem ser colocados nos velos, permitindo assim todas as combinações. O texto é colocado em letras que podem ser substituídas por outras de diferentes linguas. Os caracteres brancos sobre o quadro preto, quando fotografados, produzem um positivo fotográfico que serve de padrão de impressão, o qual é perfeitíssimo.

Este sistema, que se intitula «Glória-Note» tem grande vantagem para a selecção de vozes, visto que cada uma pode ser separada das outras e impressa aparte, o que torna a impressão de músicas para orquestras muito mais barata.

Fótos de R. D. V.

COCKTAIL QUANDO CHARCOT FOI AO POLO SUL



Quem se lembra de Charcot e das suas explorações pelas regiões antárticas, no começo deste século?

No entanto, foi ainda há bem pouco tempo — em 1905, e muitos não de então ter lido nos jornais as declarações de Charcot, na mesma sala do Trocadero, em Paris. O bravo explorador e os seus companheiros deixaram a França a 15 de Agosto, a bordo do «Francés». O primeiro percalço veio com a morte de um homem a bordo, que apanhou com uma amarra que se rompeu violentamente. Depois, em pleno Oceano, partiu-se uma peça da máquina, o que levou Charcot a mandar izar as velas e assim seguiu até Buenos Aires, onde os argentinos prestaram a todos calorosas homenagens. O «Francés» foi restaurado, as despesas reabastecidas, cães polares bem adestrados foram embarcados e um porco — o «Tobias» — passou a fazer parte da «tripulação», porque os argentinos, muito supersticiosos, asseguravam que daria muita felicidade aos exploradores. «Tobias», aliás, fora já companheiro de Nordskjöld, o que lhe deu direito a passar à posteridade...

A 27 de Janeiro, já caminhando para o sul e fora da área «civilizada», o «Francés» encontrou o primeiro «iceberg». Perseguidos pelo vento, pelas tempestades, já para lá da baía de Flandres, penetraram no Cabo Raposa, já obstruído pelos gélos. Desceram — hibernaram — na ilha Wandel, fundeando o «Francés» em Pórt Cartago, segundo designação de Charcot.

Em terra, trataram de aproveitar o tempo, traçando a «avenida Vitor Hugo», onde ergueram a casa de campanha que haviam construído expressamente para aquela viagem. A roda do «edifício» construíram uma verdadeira aldeia de neve, cada casa tendo o seu destino: a lavanderia, o matadouro, armazém de víveres, canil, etc. A cabana magnética que não podia levar metais na sua confecção, exigiu cuidados especiais — mas, no fim de 15 dias, os exploradores estavam instalados e iniciavam os seus trabalhos de geografia, história, biologia, climatologia, bacteriologia e marés. Mas, o fim do Inverno aproximava-se. Esses cinco homens destemidos que iam buscar para o mundo uma mensagem de progresso, apressaram os trabalhos e apertaram-se para o regresso.

Grandes dificuldades foram vencidas para arrancar o «Francés» ao domínio dos gélos com o auxílio da milítona. O cruzeiro de verão principiava. Estudaram a hidrografia do canal Scholaert, seguiram para o sul e levantaram a planta da costa de Graham, mal delineada até então nos compêndios de geografia, exploraram as ilhas Biscoe e subiram o Estreito da Bélgica. O navio sofreu novo desastre mas, a 4 de Março estavam de volta a Puerto Madryn, a coberto das maiores dificuldades e senhores de incalculáveis segredos sobre o Polo Sul. Os homens tinham sofrido — mas haviam triunfado, porque eles, que fazem guerras e se odeiam intransigentemente, também se sabem sacrificar pelos outros homens. Assim, é a humanidade...

A telha de ouro do Escorial

FILIPPE II tinha mandado construir o palácio do Escorial, para celebrar a batalha de San Quintin. Na córte de Espanha encontrava-se um arquitecto e arqueólogo francês que foi visitar a construção do mosteiro. O monarca perguntou-lhe então, que tal achava a sua Idéia e o diplomata francês respondeu-lhe sorrindo:

— Bem, sem dúvida. Todavia, parece-me que lhe sobra muita pedra e pouco ouro...

Filipe II mordeu os lábios e continuaram a examinar os materiais de construção que se espalhavam pelas cercanias. Enfim, o Escorial, na sua elegante majestade completou-se anos depois. O monarca voltou a convidar o diplomata francês que se encontrava de passagem por Espanha. O francês ficou admirado da grandiosidade do mosteiro, mas a certa altura, perguntou:

— Que é aquilo que brilha tanto?

— Onde? — fingiu o monarca.

— Perto da cruz do zimbório.

— Ah! Sim... aquilo é ouro, porque, contra a opinião de... alguns arquitectos, quando concluíamos as

obras, faltou-nos a pedra. E, como nos sobrava ouro, mandei fabricar um ladrilho para tapar o buraco...

O diplomata naturalmente compreendeu, mas nem sequer teve tempo de pedir desculpa, porque o rei voltou-lhe as costas...

Essa «telha de ouro» tão célebre no mundo, levaram-na mais tarde os franceses, quando das invasões napoleónicas. No seu lugar — supomos que ainda lá está — colocaram uma telha de prata dourada...

VEJA SE SABE RESPONDER?

— Quem foi o autor de «Manfredo» e de «Childe Harold»?

— Sabe como é representado o Suplício de Tântalo?

— Lembra-se do nome da peça de Ibsen, muito conhecido, porque foi representada em Portugal?

— Quem construiu o Santo Sepulcro?

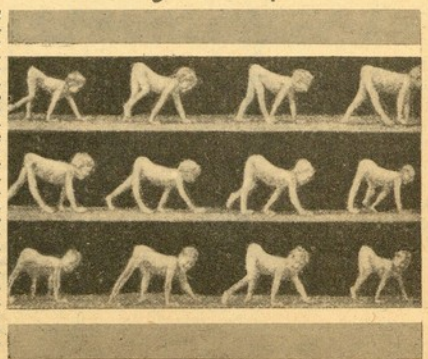
— Sabe qual foi a divisa que Luís XIV mandou gravar nos seus canhões?

— Onde fica o Chança?

(Ver respostas na pág. 30)

Já viu crianças quadrúpedes?

A paralisia infantil provoca as estranhas atitudes que se vêm na foto. A criança, que é atacada de febre, durante 20 horas, recomeça que não move as pernas ou os braços e começa a andar «de gatas». O mais absurdo e repugnante é que em França houve tempo em que os saltimbancos «desconjugavam» crianças para criar atrações de circo ou chamariz da piedade dos homens. Foi São Vicente de Paula quem iniciou a grande campanha de perseguição a essa indústria vergonhosa que de facto terminou com a intervenção das autoridades.



Pão de serradura

ÀS vezes, surpreendemo-nos com as notícias que se publicam hoje nos jornais, a respeito de produtos sintéticos — nomeadamente daqueles que se utilizam na nossa alimentação. Pois, o «ersatz» não é de hoje. Num jornal alemão — o «Holtz Zeitung» — de 1906, encontramos uma notícia sensacional referente a pão de serradura. Segundo esse jornal, que se dedicava exclusivamente à indústria... de madeira, foi, então, montada em Berlim uma fábrica que,

diariamente, produzia 500 quintais desse pão, preparado sujeitando a serradura da madeira fermentada a várias operações químicas e adicionando-lhe depois o correspondente a um terço de farinha de aveia. Essa massa ia depois ao forno e cozia-se nas condições em que se prepara o pão comum...

Como se vê, nada há de novo nestes últimos anos. No progresso nada se inventa, nada se cria e tudo se transforma — como diria Lavoisier se aqui estivesse...

CIÊNCIA ELEMENTAR

ERROS CURIOSOS NO INSTINTO DOS ANIMAIS

JA se escreveu muito a respeito da maravilhosa perfeição do instinto dos animais. Existem, porém, alguns, cuja evolução não é completa e cujos instintos são ainda imperfeitos ao ponto de numerosos indivíduos da espécie morrerem, por isso, todos os anos.

Na Califórnia, por exemplo, existem duas espécies de carvalho, a das quais conserva as folhas durante todo o inverno, ao passo que a outra as perde. As larvas de uma certa borboleta, durante o inverno, vivem comendo as folhas do carvalho sempre verdejante. A borboleta não possui nenhum instinto especial que a guie para tal árvore, de maneira que depõe os ovos, indiferentemente, nas plantas de ambas as espécies. E, como é fatal, as larvas nascidas no carvalho que se despe de folhas, morrem aos milhares, enquanto que as que se encontram no carvalho verdejante passam o seu tempo mordiscando folhas no brando inverno californiano.

Até os animais munidos de instinto perfeito cometem os erros mais curiosos, simplesmente em consequência da sua enorme perfeição. Vários animais precisam tão raramente de um grãozinho de razão ou de inteligência para a solução dos seus problemas que, quando surge a necessidade disso, não podem pensar nem, por assim dizer, lhes ocorre a idéia de pensar. Em vez disso, esforçam-se numa actividade desesperada para satisfazer ao máximo possível um desejo instintivo.

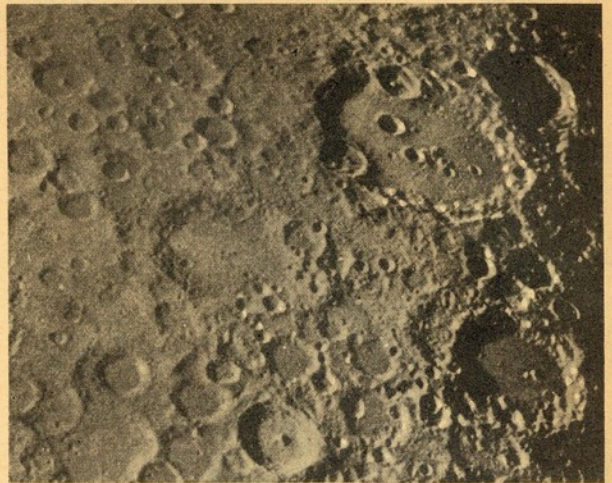
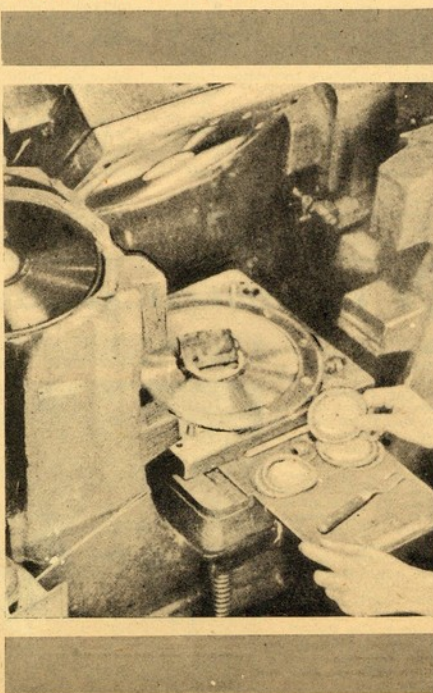
Um rato branco domesticado, vai à tã em busca de material para construir o ninho. O seu instinto manda-lhe que continue a construir até completar o ninho. E tão vivo é este desejo de construir que o rato, não encontrando outra coisa, agarra a própria cauda e leva-a, triunfantemente, para o ninho. Torna a partir, depois, à procura de mais material, encontra, pela segunda vez, a cauda, e transporta-a, de novo, para o ninho. Isto acontece repetidas vezes, e o rato sente-se em paz com o mundo, porque lhe parece ter achado um material de construção inextinguível. O rato tem bom cérebro, mas não pode deter-se para usá-lo porque nesse momento está bastante absorvido pela tarefa de ir buscar e trazer.

É também sabido que, quando um ovo de cuco se abre no ninho dos seus progenitores adoptivos, um dos primeiros actos do pássaro é fazer que os seus irmãos e irmãs «de leite» saiam do ninho. O mais estranho é que o progenitor adoptivo, ao encontrar três ou quatro filhos no chão e apenas o «intruso» no ninho, ignora a existência dos outros para se dedicar ao que lá está, embora não seja o seu rebento. O progenitor vê, sem dúvida, os filhos caídos, mas o seu instinto, que manda nutrir os passarinhos «no ninho», é tão forte que lhe impede de prestar a menor atenção aos situados «de fora».

Embora muitos animais tenham sérias vantagens sobre o homem, por nascerem artistas habilíssimos, estas vantagens são apenas temporárias. Em certas condições, com a mudança das circunstâncias — que se alteram, como é de prever, de tempos a tempos — o animal, mesmo tendo o instinto mais desenvolvido, encontra-se, com frequência, a cometer erros que não pode remediar, ao passo que o homem sabe adaptar-se a qualquer modificação das suas circunstâncias.

COMO SE FAZEM DISCOS

ENTRE as duas matrizes de disco da prensa, onde já existe uma cópia metálica do disco-modelo, coloca-se uma certa porção de goma-laca aquecida. Por compressão, a massa transforma-se em disco, recebendo na superfície a impressão dos sulcos sinuosos que registam a forma das vibrações, que reproduzirão o som, quando o disco for utilizado num fonógrafo. A goma-laca são adicionadas outras substâncias, para dar-lhe a dureza necessária. Além de duro, o material do disco deve ser extremamente puro e livre de partículas finas, afim de não haver ruídos de fundo. Após 50 audições o disco começa a manifestar um desgaste sensível.



AQUI temos a Lua vista de perto, graças ao potente telescópio do Observatório de Yerkes. A superfície da Lua não é lisa como em geral se supõe, mas cheia de gretas longitudinais, crateras cujo diâmetro vai desde centenas de metros a 200 quilômetros, e montanhas que se elevam a mais de 8 mil metros. Quanto às crateras, há duas hipóteses para explicar a sua origem: uma, diz-nos que elas são uma consequência da queda de enormes aerólitos; outra, considera como causa a acção de explosões mecânicas. O aspecto da superfície do nosso satélite, indica-nos ter ele sido vítima de grandes cataclismos, e de tal modo que podemos dizer que a Lua terá o «seu fim do mundo».

Como foi inventado A B C sobre o tifo o estetoscópio

O médico francês Laënnec (1781-1826) foi o inventor do estetoscópio — esse pequeno aparelho de todos conhecido, que serve para auscultar.

Uma vez, na clínica de Laënnec, apareceu uma senhora muito gorda, queixando-se de dores no peito, faltas de ar, palpitações e outros sintomas que faziam presumir a existência duma afeição cardíaca. Por causa da enorme camada de gordura da cliente, Laënnec não podia ouvir convenientemente o coração enfermo, além de que a moral da época não permitia tentativas muito ousadas nesse sentido.

O médico lembrou-se, então, de pegar num caderno de papel; enroscou-o pôs uma das extremidades do canudo assim formado no peito da doente, e a outra ao seu ouvido. O resultado foi maravilhoso! As vibrações sonoras da caixa torácica, reforçadas pelas vibrações do canudo, ouviam-se com grande nitidez.

Mais tarde, a descoberta de Laënnec sofreu grandes aperfeiçoamentos técnicos. O tipo usual, é constituído por um amplificador de mica, donde partem dois tubos de borracha, em ligação com outros de metal terminando por duas dilatações de «auriculares», que se introduzem nos ouvidos.

Laënnec não só inventou o estetoscópio, como um método de diagnóstico, — a auscultação. A auscultação consiste em apreciar o funcionamento de certos órgãos pelos ruídos que produzem. O estudo dos sépticos, roncos, sibilos, ferroses, e outros ruídos outrora ignorados, e que aparecem em certas enfermidades, é duma importância enorme para resolver problemas e dúvidas de diagnóstico, insolúveis antes de Laënnec.

Devemos comer cenouras!

A boa reputação das cenouras já tem mais de 2.000 anos, mas só agora se assentou melhor no conhecimento do saboroso vegetal.

A sua composição é a seguinte: 87 partes de água, 9 de hidratos de carbono, 1 de substâncias azotadas, 0,2 de substâncias gordas, 1 de sais e 1,4 de celulose. Há a notar a existência de asparagina e de uma substância corante chamada caroteno. Os sais são constituídos por malatos e fosfatos de cálcio e de potássio.

As cenouras exercem uma acção favorável, pelo seu suco, nas crianças atacadas de impetigo de face (doença da pele que origina pústulas). Os coelhos exclusivamente alimentados com cenouras, oferecem

uma grande resistência à tuberculose experimental. São fáceis de digerir e possuem a preciosa propriedade de aumentar o volume dos detritos e facilitar a sua evacuação. Têm uma acção eminentemente salutar sobre o conjunto das funções digestivas. Mas os diabéticos devem-se abster de cenouras, devido ao açúcar que elas contêm.

Trabalhos recentes provaram que as caroteninas devem ser olhadas como substâncias indispensáveis, não apenas ao crescimento como à própria vida. De facto, as cenouras são muito ricas em vitamina A, cuja carência determina perturbações de crescimento e inflamações oculares.

Quando penetra nos intestinos, o bacilo de Eberth prolifera, dando lugar a lesões que afetam, de maneira especial, os órgãos intestinais chamados placas de Peyer. Os micróbios produzem então grandes quantidades de toxinas (que são venenos) que passam para o sangue e produzem os sintomas acima expostos.

O período agudo dura mais ou menos quatro semanas, e depois inicia-se a convalescença, que costuma ser demorada e exigindo repouso e muitos cuidados.

Mal tratada, a febre tifóide pode originar graves complicações; em si, não é enfermidade grave, quando atendida convenientemente.



Ada Luftmann

no novo filme português O VIOLINO DE JOÃO que se estreia no TIVOLI no próximo dia 22, em soirée de gala

DESPORTO

Lisboa Ginásio: Fôrça e vitória!...

Há uma palavra para classificar a reunião de sábado último, no Lisboa Ginásio Clube: admirável!...

A presença do sr. Presidente da República, das entidades oficiais — subsecretário da Educação Nacional, Direcção Geral dos Desportos, Mocidade Portuguesa, Instituto Nacional de Educação Física, Clubes congéneres e Imprensa — formando parada notável, levaram ao Lisboa Ginásio a certeza da sua admiração e consideração, recebendo em troca, mais uma demonstração positiva do mérito e da consciência de trabalho daquele Instituto, por onde já passaram duas gerações.

Grato, por certo, ficou o Lisboa Ginásio com a comparação das primeiras figuras da vida portuguesa. Em contra-partida, estas tiveram oportunidade de se recolherem, por uns instantes, na grandiosidade e sobriedade, na «realidade», do que lhes foi dado observar.

O Lisboa Ginásio passou por uma transformação quasi radical. Mantém, claro, a estrutura inicial, mas conseguiu-se de tal forma, roubando mais uns metros de terreno ao próprio terreno, derrubando uma parede, que há uns anos seria preciso conservar como relíquia, eliminando uma escada, que tinha possivelmente uma história, fazendo desaparecer um palco, que permitiu tantas noites de fantasia, — revolucionar a configuração interna que, hoje, é positivamente outra!...

A grande agremiação mantém o segredo e a fortuna das boas direcções. Vive em paz, e quando assim sucede, o trabalho resulta profícuo e brilhante. Uma direcção que chega, ou que transita, não perde tempo em contemplanções sobre o passado. Age de pronto, para fazer mais e humanamente pretende conseguir melhor, numa emulação que só beneficia a colectividade.

Depois das direcções — e como corolário do critério destas, — o corpo docente, os instrutores, os professores. Lá se encontra o escól português. E até um estrangeiro acumula funções num organismo do Estado. Não surpreende, pois, a fôrça, a correcção e o boníssimo aproveitamento técnico, alicerçados numa gradual e inteligente orientação pedagógica, dos seus atletas, — dos seus associados!

...E agora, que falámos nestes, vem a propósito recordar que os seus exemplos de dedicação clubista são trechos de todos os dias. Não se regateia um esforço, um sacrifício, por grande que seja. Sempre generosamente, sempre olímpicamente, na exacta pureza da palavra!...

Ao dobrar o cabo dos 25 anos, — gloriosas «Bodas de Prata» — o Lisboa Ginásio procura novos caminhos, busca novos louros. Por isso se transformou para acompanhar a evolução dos tempos e das necessidades. Melhor: é ele próprio que força a evolução, que sacode a ideia de um possível minuto de paragem.

Parar, equivalia a morrer. O Lisboa Ginásio não pára. Pelo contrário. Bate-lhe o coração em alvoroço. Corre-lhe bom sangue nas veias. Não cede a contrariedades, quasi ignora a sua existência.

Segue em frente, forte, dinâmico, cónscio de ter vencido, por ter convencido. Na sua flâmula adoja a palavra — vitória!...

...Desbarremo-nos, perante ela!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

AS NORUEGUESAS JOGAM HAND-BALL

Aqui está uma animadíssima fase de «hand-ball» praticado por raparigas norueguesas sobre um terreno que não deve ser, com certeza, um mar de rosas... Reparem que, à esquerda, há uma jogadora de óculos, o que pode ser um perigo... ou talvez não!...



O que nos diz João Belo, antigo defesa do Belenenses, de desporto em Angola



SEMPRE belenense. Teimosamente e convictamente azul. Na verdade, João Belo afastou-se das lutas desportivas, nem se sabe bem porquê. Não pela idade, porque ainda é novo — mais o era há quatro anos, quando atingiu a casa dos 30. Mas o trabalho, as preocupações, a vida, enfim, forçaram-no a deixar os campos.

Era uma figura simpática e correcta de jogador. Defesa-esquerdo — quasi de nascença... — nesse lugar, João Belo representou dez anos o seu clube e envergou também, por várias vezes, as camisolas com as cores de Lisboa e as cores nacionais.

Foi campeão de Lisboa e de Portugal. No ano em que se retirou, o Belenenses foi à «final» do Campeonato Nacional, mas o Sporting venceu — e bem, na própria expressão de Belo.

Certamente que os leitores recordam-se de uma «fé» especial, característica de João Belo...

Marcava-se um pontapé de «canto» contra o Belenenses. Belo colocava-se junto de um dos postes e dava-lhe três palmadas antes da bola partir! A «crença» ampliou-se mais tarde, para covarçar mais e mais tarde, as mesmas três pancadadas antes da bola partir e outras três, no momento de lhe darem o pontapé...

...O certo é, que durante os dez anos de actividade de João Belo, o Belenenses não sofreu um tento, originado por um castigo de «canto»!... Só uma vez é que a «fé» esteve em perigo... Foi num prélio Belenenses-Barretrense, disputado no Lumiar, quando este campo ainda estava alugado ao clube da outra margem. Apesar das tradicionais «pancadinhas», a bola ia a entrar... mas João Belo não hesitou: deteve-a com as mãos!... Apançado o respectivo «penalty», Raúl Jorge, extremo-direito barretrense, tanto quis colocar a bola fora do alcance do «guarda-redes», que a mandou para fora!... Havia razão, portanto, para continuar a não descreer da «fé», do «talismã» que representavam as seis celebradas pancadinhas!...

João Belo, a quem por lhe faltarem uns meses, não tem direito a receber o cartão vitalício que permite a entrada em todos os campos, esteve em África, quasi um ano, em serviço da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela, de onde é funcionário.

— Até aqui — diz-nos ele — mesmo que tivesse nisso algum prazer, não podia deixar de ser belenense. As iniciações da Companhia: C. F. B., dos Caminhos de Ferro de Benguela, também podem significar Clube de Futebol «Os Belenenses»...

— Splendidamente. Estive em Angola, no Lobito e as impressões são as melhores.

— O desenvolvimento do desporto...

— Ah! Sim. Eu lhe digo. O desporto tem lá uma expansão enorme. Existe a paixão pelo desporto. O futebol tem, evidentemente, a primazia.

Noutro tom:
— Em Angola deseja-se ardentemente um intercâmbio com a metrópole. Fui investido de poderes para corporizar essa ideia. Angola pretende ver lá, atletas de Portugal continental, de ver as camisolas mais populares, de ver, se for possível, uma selecção. Não discutirão mais ou menos umas centenas de escudos. O que querem é estreitar relações e aprender com os atletas da Mãe-Pátria.

— Todavia, os transportes constituem um problema delicadíssimo...

— É um facto, que também lhes apresentei. Mas acredite no meu optimismo. Se os clubes continentais quiserem fazer a viagem, ou se a Associação ou Federação pretender enviar uma selecção, é natural que se obtenham facilidades!...

Numa prevenção:
— Quem lá fór, tem de acautelar-se. O clima é diferente e lá joga-se. As forças expedicionárias têm tudo influência notável no aperfeiçoamento e desenvolvimento de várias modalidades. A matéria-prima é da melhor. Há rapazes que seriam extraordinários jogadores de futebol, se os ensinassem. A crise é de bons treinadores, professores e instrutores.

— Angola admira os jogadores angolanos que em Lisboa se distinguem?

— Sim, muito, distinguindo em especial, Peyroteo e Espírito Santo.

Enquanto esteve em África, Belo jogou, — aliás, «brincou»... — no Lobito Sport Clube, cujo presidente é o comandante Prestes Salgueiro.

— Dispensaram-me sempre as maiores gentilezas. Deixei bons amigos, o que de resto não é de estranhar entre desportistas, gente que entra francamente, sem voltar a cara, seja ao que fór!...

E depois de nos citar alguns nomes de jogadores de Angola, destacando um, Cachimbina, avançado em qualquer lugar e dotado de uma habilidade notável, João Belo remata a conversa:

— Confio na ida de um clube ou de uma selecção de futebol, a Angola. Os dirigentes desportivos daquela Província desejam-no. O público anseiam-no. Seria uma jornada triunfal. E, na minha maneira de ver um intercâmbio entre a Metrópole e as Províncias ultramarinas, seria vantajoso e benéfico, para o desporto de um lado e de outro do Atlântico.

Um abraço, a que corresponderam seis pancadas nas costas (três a cada um, note-se...) e estava despatchada a entrevista, que contém uma ideia, sobre a qual os clubes devem meditar. E João Belo está às ordens, para todos os esclarecimentos!...

DAQUI E DALI

No passado dia 3 realizou-se, no campo de Jogos do Liceu de Pedro Nunes, um encontro de futebol entre o grupo da Secção Desportiva da Caixa de Auxílios do Pessoal da Mocidade Portuguesa e o da Escola Valsassina, sob a direcção do árbitro Mário Ribeiro Sanchez.

Ao encontro, que marcou o início da actividade desportiva da referida Caixa, assistiram o Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, prof. doutor Marcelo Caetano, que deu o pontapé de saída, o reitor do Liceu de Pedro Nunes e vários dirigentes superiores da referida organização.

O desafio terminou com um empate a duas bolas, tendo decorrido dentro de grande entusiasmo e correcção. No final, o Comissário Nacional distribuiu a cada jogador e ao árbitro medalhas comemorativas.





Graziella Saviotti

vai revolucionar o nosso teatro?...

— Simpatiquíssimo... com as pessoas de quem gostava. Mas...

E contou deliciosas histórias do Pirandello.

Uma vez, apresentaram-no a um novel autor. Pirandello recebeu-o amavelmente e pôs-se a cavaquear. Mas aconteceu que o jovem autor ousou discordar do mestre. Pirandello exclamou, a alta voz, no meio de toda a assistência:

— «Mas quem foi que me apresentou este palerma?».

E Graziella concluiu:

— Pode compreender, agora, como era Pirandello...

Desde menina que Graziella Saviotti estuda teatro. Teve professores, como o arquiteto Carboni e o Mestre Mancini. Muito novinha, concluiu, brilhantemente, o curso de cenografia da Escola de Belas Artes de Itália, passando para Hungria.

— Sabe? — diz — Para mim, o teatro húngaro é do melhor que conheço!

— Quais os autores que mais admira?

Resposta pronta:

— Schaw, Ferenc Molnar...

Estava indicada esta pergunta:

— E que lhe parece o nosso teatro?

Graziella ficou um nadinha a pensar, indecisa:

— Quasi só tenho visto teatro declamado, no Nacional...

— E os artistas?

— Acho-os bons. Alguns, até, extraordinários em qualquer parte do mundo.

— E o nosso público?

— Penso que o público português tem muito bom-gosto.

A resposta surpreende o repórter.

— Como?

— Assim mesmo. Todavia, os empresários, às vezes, pensam o contrário e dão-lhe obras de valor discutível. Mas sabe reagir — e reage bem — diante de belas obras.

— E o que pensa fazer no nosso teatro?

— Como era ele?

Ela não responde, modesta. Depois, atreve-se:

— Vamos fazer uma experiência. Dar ao público obras boas, simples, que distraiam, mas que tenham sumo.

Graziella mostra-nos as «maquettes» e os figurinos das três primeiras peças a subir à cena. Todas elas têm qualquer coisa de novo. Graziella sabe o que faz — e faz bem. Apeete acreditar nela.

Será desta vez que o nosso teatro irá sofrer uma transformação?

REPÓRTER UM

As três pancadas

PARABÊNS aos autores da revista «Balle de Máscaras» pelo trabalho original e feliz que conseguiram realizar.

Muito bem! A revista tem espírito, leveza, oportunidade e até um certo aparato.

* * *

Parabéns pelo quadro de comédia em que o retrato vivo de Vasco Santana se desforra da infidelidade da esposa. Eis um magnífico achado!

* * *

Parabéns pelo bailado de «Elsa and Waldo», no primeiro acto. De categoria real, esse número é incontestavelmente um dos melhores da revista.

* * *

Parabéns pelo final do primeiro acto. Aliás esse acto é superior ao segundo, por causa dos cortes, etc. De louvar, também, a música, por vezes, cheia de pormenores curiosos e pitorescos.

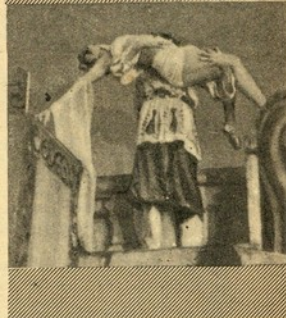
* * *

Parabéns, portanto, aos autores e aos artistas — apenas com duas excepções: o desleixo com que as coristas estão no palco e a reposição inexplicável dum certo número que fizera um certo sucesso na revista-quinha do Carnaval passado no Variedades. Porque jogaram os autores mão desrecurso? Não deve ser, decerto, por falta de imaginação e de originalidade...

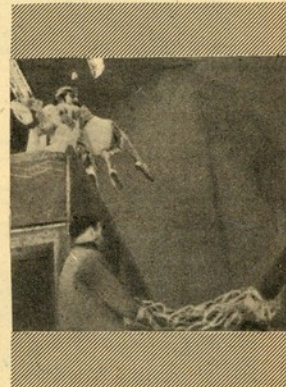
Mas, de qualquer maneira, são bastante aborrecidos esses dois senões... no meio dos parabéns!

TEATRO

O QUE O PUBLICO NÃO VÊ...



O bailado russo «Stenka Razin» termina por um número de grande efeito e emoção. Edmond Andran, o primeiro bailarino, lança a sua «partenaire» ao mar, através da amurada do navio.



Vejamos, agora, a parte de trás do cenário. Dois homens, escolhidos entre os mais fortes do teatro, seguram uma rede para recolher a jovem bailarina Ludmila Tcherina, vedeta de 18 anos que Sérgio Litar descobriu.



Ludmila Tcherina vem caindo. O público tem a plena sensação que ela cairá no espaço. Mas a rede lá está, à sua espera. Parece que é fácil, mas, para cair, Ludmila foi obrigada a dezenas de ensaios. Num deles, ia partindo um braço...



A estreia de RAIMU no teatro

QUEM não conhece Raimu, o célebre artista de cinema francês? Quem o não viu ainda em tantos filmes que o levaram à categoria de um dos primeiros actores do cinema europeu?

Raimu nasceu para o cinema — como disse, há tempos, um crítico cinematográfico. Todavia, o teatro conquistou-o. Estreou-se há pouco tempo, na *Comédie Française*, na peça «O burguês gentilhomem» e — coisa curiosa — com tanto sucesso como no cinema. E assim foi, na verdade, que o mesmo crítico cinematográfico teve de alterar a legenda: «Raimu nasceu para o Cinema... e também para o teatro»...

Um original e artístico Salão de Lisboa



UM ASPECTO DO BELO SALÃO DO INSTITUTO CARMEL, AVENIDA DA LIBERDADE, 204, FREQUENTADO PELAS MAIS DISTINTAS E GENTIS SENHORAS DA NOSSA CAPITAL, QUE NÊLE TRATAM DA SUA BELEZA E PROCURAM OS LINDOS VESTIDOS NA SUA SECÇÃO DE ALTA COSTURA.

Cabelos de encanto e de sonho

L'AVOLAN

«L'Avolan-hulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10\$00, 15\$00 e 25\$00. À venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDI — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd., Rua dos Fanqueiros, 135, 3.ª-Dt. — Telefone 4 3582.

*Tão puro e cristalino
como as neves
da Suíça*

Assim é o som dos rádios

PAILLARD
A MARCA DE REPUTAÇÃO MUNDIAL

Distribuidores em Lisboa: DAVID J. LOPES LD.ª, Rua da Prata, 266, 1.º - LISBOA — Agente Geral no Norte: J. CAMIZÃO JR., Rua Santa Catarina, 53, 1.º - PORTO — Agente no distrito de Leiria: R. GIRÃO - CALDAS DA RAINHA. — Agente em Santarém: JOSÉ MARIA CHAVES - SANTARÉM. — Agente Geral no Algarve: CASA DO RÁDIO, Rua Vasco da Gama - FARO.

NOTAS
RÁPIDAS



Gregório Garcia
fala-nos de tudo...
menos de toiros

me atraía ainda mais: pisar uma arena...
— Pronto, Garcia! Não acrescente mais. Lembre-se da nossa combinação: tudo, menos toiros!

GREGÓRIO É RELIGIOSO

Como todos os toureiros, Gregório é religioso. Por toda a parte, no seu quarto, se vêm imagens de santos; porém, a que mais nos desperta a atenção é a duma pequena Virgem que se esconde numa espécie de oratório. E, à nossa pergunta, Gregório Garcia responde:

— É a Virgem patrona do México, a Virgem de Guadalupe, La Guadalupeana, «La Virgen Morena!»
Uma fé e uma crença forte vibra na voz do matador quando afirma:
— Ela protege-me e protegeu-me sempre!
Depois, acrescenta, com o olhar perdido no infinito:
— É a ela que minha mãe, no México, reza por mim!

FALA-SE DE MULHERES

Passamos agora a outro assunto, assunto esse que não podia deixar de ser tratado — a mulher. E, assim, rodeamos a nossa pergunta de subtilidades porque queremos que Gregório Garcia nos responda francamente, ao dar a sua opinião sobre o país que mais lhe agradou em matéria feminina. E que rezeamos que o matador com a sua gentileza costumada diga, embora não sentindo, que a mulher mais bela é a portuguesa — do que, de resto, nós não duvidamos.

— Diga-nos, matador, «ustedes» viajou muito, não é verdade?
— Sim.
— E viu muitas mulheres bonitas, não?
— Sim.
— No México, por exemplo, quais as mais belas?
— As de Guadalupe. Tienen uns ojos más bellos! E as de Vera-Cruz, e Mérida...
— Bem, matador — atramos então — e internacionalmente, dentro, cla-

(Continua na pág. 24)

RECEBE-NOS na cama e fala-nos enquanto um amigo lhe coloca na perna, magoada pelo toque de um toiro, uma saca de água quente. Primeiro, como era de esperar, conversa-se sobre a festa brava, mas tudo o que se disse a esse respeito não será aqui repetido, pois na presente entrevista Gregório Garcia falar-nos-á de tudo menos de toiros.

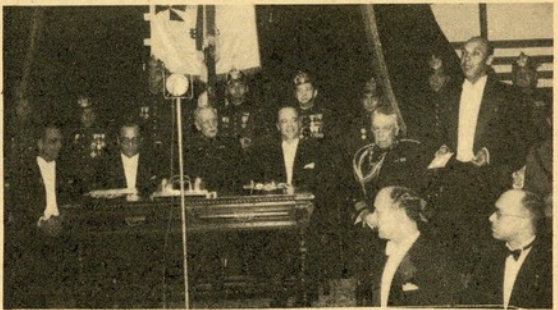
RECORDAÇÕES DA INFANCIA

— Diga-nos, Garcia, qualquer coisa sobre a sua infância. Fale-nos do México...
Perpassa pelo rosto de Gregório uma sombra de nostalgia; depois, é com um sorriso mordido por uma saudade que se não pode esconder, que éle nos responde:
— Nasci em San Luís Potosí, uma cidade pequena mas alegre. Recordações? Imensas. No entanto, quasi todas elas são vagas, e de tudo só posso dizer-lhe com segurança que na minha cidade não havia uma janela sem um craveiro florido, nem uma boca de mulher sem uma canção.
— Pelo que vemos, San Luís Potosí é a terra ideal para as almas românticas! Porém, você, matador, não teve dúvidas em trocá-la pelas incertezas da aventura, hein?
— Sim. De resto, o meu sonho foi sempre viajar, e por éle abandonei a escola e troquei a minha calma cidade pelas ondas do mar, e a minha vida de estudante pela de marinheiro.
— E que tal se deu com essa nova vida? Não muito bem, pelos vistos...
— Sim, mas havia outra coisa que

Recordar é viver...

HÁ 49 anos, apresentava-se, pela primeira vez, no antigo teatro D. Amélia, um grupo de estudantes que se haviam reunido à volta de uma generosa iniciativa: a Tuna Académica de Lisboa que, sob o patrocínio de uma comissão de damas da corte, presidida pela própria rainha D. Amélia, se propunha criar arte e fundos para custear as despesas de estudantes pobres. A sua Caixa de Socorros prestou auxílio e, a confirmá-lo, aí estão muitos advogados,

engenheiros e médicos que não teriam triunfado se a Caixa não existisse. De resto, outras foram as graças que semearam: muitas obras de solidariedade devem o seu êxito à colaboração dos antigos tunos que, no último domingo, se reuniram no almoço anual, para evocar tempos passados, dar alento, com o seu exemplo, aos novos tunos, e tratar do programa de festas com que será comemorado o 50.º aniversário da fundação da Tuna.



O Lisboa Ginásio Clube comemorou as suas bodas de prata. Foi uma festa tocante e que atingiu a mais elevada expressão de entusiasmo e emoção. Ao brilho da organização e execução do programa, juntou-se a presença do Chefe do Estado, sub-secretário de Estado da Educação Nacional e Director Geral dos Desportos, que se vêm na foto na mesa da presidência.



Teve brilhantismo e um belo significado, a cerimónia da bênção dos lugres bacalhoeiros que, dentro de dias, vão partir para a Terra Nova. Em Belém estiveram os srs. ministro da Marinha, subsecretários das Corporações e do Comércio e Indústria, altas patentes da Armada que, ao cerimonial, presidido pelo sr. bispo de Helenópolis, emprestaram todo o brilhantismo.



O Colégio Militar esteve no último domingo em festa, para receber o sr. Cardeal Patriarca. Lá estavam os srs. director e sub-director daquele importante organismo de ensino, respectivamente srs. coronel Manuel de Carvalho e major Armando Larcher, que fizeram as honras da casa. O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira disse missa, crismou alguns alunos com quem almoçou e a quem dirigiu palavras de encorajamento na luta pela fé e pela vida.



Os serviços de propaganda da «Voz do Operário» organizaram uma curiosa exposição sobre a vida do pinheiro, que está patente na escola daquela benemérita instituição, instalada na rua do Jardim. No acto inaugural estiveram os srs. Raúl Esteves dos Santos, presidente da Comissão Administrativa de «A Voz do Operário» e outros elementos da direcção e corpo docente das várias escolas.

MÚSICA EM DISCOS



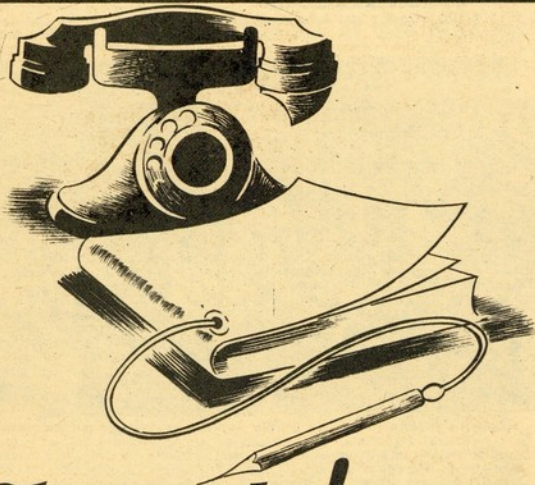
OIÇA A MÚSICA
QUE QUIZER,
QUANDO QUIZER
ADAPTANDO AO
SEU RÁDIO O MO-
DERNO DISCOFONE
DE REPRODUÇÃO
IMPECÁVEL

Peça
detalhes
nos

Est. Valentim de Carvalho

RUA NOVA DO ALMADA

ENVIAMOS GRÁTIS CATÁLOGOS DESCRITIVOS



Tome nota!
21368

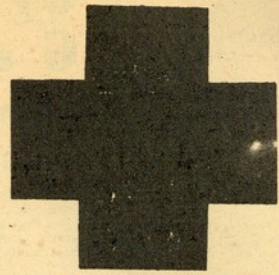
é o número do telefone
dos ateliers gráficos

BERTRAND (IRMAOS), L.^{DA}

OS MAIS COMPLETOS NO GENERO

BERTRAND (IRMAOS), L.^{DA}

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



Humanidade e Cavalheirismo

Apesar dos gigantescos combates do nosso tempo, mantem-se o cavalheirismo, o instinto humanitário e a consideração que se deve ao Homem. Um dos protectores destes altos principios, e o Comité Internacional da Cruz Vermelha, que, sob a direcção de eminentes personalidades, é o defensor acérrimo das velhas leis da Cavalaria. Como a Cruz Vermelha actua, transportando e entregando presentes aos feridos e internados, fazendo chegar aos seus destinos, através de todos os mares e países, num esforço cheio de sacrificio, os donativos enviados pelas mães e espósas, descreve uma ampla reportagem de

Sinal

a grande revista do nosso tempo já celebre pelas suas magnificas fotografias a cores. O n.º 6 à venda em todo o País. Esc. 2500 ex.



OUVIR UM *Luxor*
é um sonho!



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil. Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO

Pensemos hoje nos nossos bebés

AR, sol e luz! Eis do que precisam estas belas florinhas — carne da nossa carne!

Qualquer pequena porção de tecido serve para os alindar. Para que fiquem belos, não lhes será necessário mais que o brilho dos seus olhos gaiatos, a frescura das suas faces rosadinhas, a ternura dos seus gestos infantis.

Contudo, aqui vão oito modelos engraçados:



Correspondência

MARIA ELISA — «Vida Mundial Ilustrada», agradece as bonitas e eloquiosas palavras com que a destingue, esperando sem com simpatia as vossas opiniões.

EDITHY E LAURA VAZ LOPES — As vossas respostas estavam boas, mas porque chegaram atrasadas à redacção, não puderam já figurar entre as 17 escolhidas.

KATIA — Coimbra — Por lápis, a vossa resposta não veio incluída na primeira série.

M.

A RECEITA DA SEMANA

BANANAS FRITAS AÇUCARADAS

Bananas descascadas	500 gr.
Manteiga	100 »
Açúcar pilado	150 »
Canela em pó	9 b.
Grangeia	9 b.

Descascadas as bananas, cortam-se ao meio no sentido do comprimento e põem-se, com a parte chata para baixo, a frigar em boa manteiga fervente, contida numa frigideira como uma pá, para que se conservem direitas; dispõem-se numa travessa, umas ao lado das outras, com a parte curva para cima e assim dispostas, polvilham-se primeiro com açúcar pilado, depois com canela e finalmente com a grangeia.

OS NOSSOS INQUÉRITOS SEMANAIS

4.º Inquérito: O problema do ciúme

SEGUIE hoje a segunda série do nosso 4.º inquérito, ou seja, a continuação das respostas escolhidas e que não couberam no número anterior a este.

«Entendo que o ciúme é um sentimento absolutamente incompatível com o amor verdadeiro. Só poderá ter ciúme quem não tiver inteira confiança no amor que lhe dedica, isto é, quem amar percebendo que não é do mesmo modo amado.

Que me importa que o meu noivo fale com esta ou aquela, se o tenho bem seguro no seu amor por mim, se percebo firmemente que me dedica único e verdadeiro amor?»

Para mim o ciúme é um defeito; e se ele existe, é sinal de falta de amor, pois simboliza a desconfiança e o amor sem confiança recíproca não pode ser verdadeiro. Quem sentir em si o ciúme, sente-o como um aviso de que aquêle que ama pode deixar de o amar não vendo mais segurança no sentimento que êle lhe consagra.

KATIA — Coimbra

«A meu ver, o ciúme é um estímulo do amor. Sem esse incentivo, o amor inicial começa a esvaír-se; passamos a considerar êsse ente tão querido como um vulgar amigo (quantas vezes deprecitado...) e entramos num caminho aberto à cisão dum lar — se chegou a ser constituído.

O ciúme será então virtude, mas como todas as virtudes, terá de ser regrado. A sua exteriorização é aconselhável mas com limites, demonstrando-o menos do que o sentimento real. Esta restrição tem duplo fim: dar a entender que não nos desinteressamos pelas atitudes do que amamos, sem, contudo, cairmos no ridículo de desconfiar de tudo, de tudo criticar, de espíar quanto êsse ente faz por um «prisma prerrogativo».

MARIA ADELLIA — Braga

PAGINA FEMININA

A grande aventura de Sigrid Vudset



ENCOSTADA à balustrada do grande transatlântico que a levará à livre América, Sigrid Vudset não desfita o ondular agitado daquelas águas esverdeadas. Dir-se-ia fascinada pelo seu espreguiçar voluptuoso, pelos seus caprichosos saltos, pelo marulhar que já é cadência. Vendo-a assim poderiam pensar: que maravilhosa história estará vendo a grande romancista, na crista das ondas que em baixo surgem arrogantes? Que romance maravilhoso, estará ela pensando?...

Na verdade Sigrid Vudset está vivendo um romance, mas não maravilhoso. Dizem-nos os seus olhos tristes, as suas faces pálidas, a sua attitude cansada. Ali, num barco de luxo, aparentemente em sossego, a grande romancista revive a sua própria história. Na fúria das ondas, ela vê a sua terra natal tomada pelo invasor. Vê luta, vê lágrimas, vê desânimos. E vê-se a ela própria, fugindo trágicamente num pobre barquito de carga, sempre perseguida pelo inimigo. O marulhar das ondas, põe-lhe o espirito febril e ela lembra-se das lendas terríveis de duendes e precipícios, que na sua infância lhe contava a boa avó Carolina! Tal como nesse tempo distante, Sigrid Vudset sente um frio estranho a percorrer-lhe o corpo.

Como fôra agitada e aventureira esta sua fuga para a América! Tivera de passar pela Rússia, daí aos Balcanos, depois ao norte de África, fugindo sempre, perseguida, sempre com o espirito em sobresalto, cansada, desalentada, triste, muito triste!

Ah! a guerra, a guerra!...

Agora, a pouca distância dessa América que a iria receber de braços abertos, ela olha para trás num mixto de sofrimento e saudade!...

As ondas anarulham, numa ânsia insatisfeita. Elevam-se ameaçadoras, voluntariosas, cheias de bravura contra êsse enorme barco que as corta meio a meio. Mas, em breve se desfazem em espuma, em gotas de água — lágrimas incógnitas que salpicam o rosto, gemidos abafados de peitos doloridos!

Tristemente, muito tristemente, a autora de «Primavera», «Genny», «Mocidade», «Pobres Destinos» e muito mais, a romancista detentora do prémio Nobel de Literatura, pensa no futuro. E tem esperança!...

MARIA LIA

«Em certos casos, direi, em quasi todos, o ciúme reforça o amor, porque êle já é esperado como reacção natural dêsse belo sentimento. Não é uma virtude, mas também não é propriamente um defeito, e, na minha opinião, deve demonstrar-se, porque havendo muito amor de parte a parte, farão ambos a deligência por eliminar os motivos que deram ocasião a que êle surgisse.»

MARIA ELISA

«O ciúme é um sentimento que bem doseado e aplicado a tempo e horas, isto é, em ocasiões oportunas, tem efeitos quasi «sulfamídicos» — quer dizer, milagrosos. Em compensação, quando mal aplicado, dá resultados contraproducentes, nefastos mesmo, porque só serve nêsse caso, para que a pessoa que dêle se utiliza nessas condições, vá perdendo pouco a pouco toda a autoridade moral sobre a pessoa querida, pois êle se servirá moderadamente, isto é, sem que atinja o captulo da ofensa, que o demonstre sem receio nem vergonha, porque a pessoa querida saberá compreendê-lo — e o que ainda é mais — fazer-lhe justiça!...»

MARIA IVONNE

«Quando o amor é grande, a harmonia resulta perfeitíssima e o ciúme não tem razão de ser, pois ciúme e desconfiança andam juntos num apertado abraço e por vezes fundem-se em desventura irremediável. No entanto, é quasi impossível deixar de sentir em nós aquêla ansiedade quasi dolorida, pelo ente amado que anda ausente!...»

Ora essa amargura traiçoera que nos inquieta e quasi faz chorar, é o ciúme-amor; nada tem de prejudicial, pois é como que uma legitima sensação de egoismo que mais nos une aquêles que amamos.

Levado ao paroxismo, o ciúme pode, todavia, causar uma catástrofe lamentável, pois além de pouco cristão, êste sentimento exagerado nada tem de inteligente.

Em qualquer dos casos, é bom que se aparente, perante o objecto do nosso amor, uma calma inalterável, sorridente e carinhosa, que não deixe transparecer nem de leve, a mágoa que por vezes nos atormenta a alma, o terror imenso e insensato de despertarmos do sonho lido, em que o nosso coração anda embalado!...

MARIA-ROSA

«Ouvi sempre dizer que o ciúme é uma prova de amor. Talvez sim... e talvez não.

Do ciúme só pode vir tempestade, luto e lágrimas. E o amor é a negação de tudo isto.

O ciúme, é assim uma coisa que mora paredes meias com a avareza e a intolerância!... Para mim, o ciúme enfraquece o amor, pelo menos numa das partes, porque inferioriza a outra — a pessoa que o sente. Nessa, o amor é reforçado, quando passam as dúvidas; mas enquanto duram — será amor ou ódio, o que se sente? Considero o ciúme um defeito e como tal... não deve ser manifestado.»

MARIA DOS TOJOS — Espinho

«Só admito o ciúme quando houver uma razão de ser, pois justifique, do contrário, considero-o uma demonstração de inferioridade. Segundo a minha opinião, o ciúme nunca reforça o amor, pelo contrário, enfraquece-o, tornando insuportável a

(Continua na pág. 18)



Qual a vedeta mais popular da nossa rádio?

O cantor **Luis Picarra** foi o vencedor do nosso concurso

Maria da Graça conhecida artista da nossa rádio, foi a figura feminina que se classificou em 1.º lugar

QUANDO pensamos realizar este nosso primeiro concurso, apenas um objectivo tivemos em vista: proporcionar ao público a possibilidade de consagrar com a sua preferência, manifestada através do voto, os nossos mais populares artistas da rádio.

Os resultados que hoje publicamos podem, no entender de várias pessoas, demonstrar que não foi isso que sucedeu. Não nos cabe a nós, juizes imparciais desta competição, julgar do fundamento, ou dos nossos mais populares artistas da rádio. Simples organizadores, nada mais tínhamos que fazer do que contar os votos recebidos — e foi isso que fizemos. O público é que votou — e foi ele unicamente que decidiu da votação. Houve admiradores de determinados artistas que trabalharam para conseguir um maior número de votos, arrancando dos nossos leitores o maior número de cupões com votos a favor do seu artista favorito? É possível. Mas o que esses puderam fazer — se o fizeram — também outros o poderiam ter feito. E se o resultado final não correspondeu ao que alguns esperavam, a culpa é apenas dessas pessoas não terem posto o seu entusiasmo ao serviço dos artistas por quem possuíam uma maior simpatia e admiração.

De resto, para que não possa haver a mais pequena dúvida sobre a correcção como este concurso foi realizado e como a respectiva votação foi feita, todos os cupões recebidos ficarão na devida oportunidade à inteira disposição do público para que possam ser devidamente controlados.

A CLASSIFICAÇÃO DA 10.ª E ÚLTIMA ETAPA

Prorrogado por mais oito dias o prazo para a entrega dos cupões da 10.ª e última etapa, para assim darmos possibilidade a toda a gente de votar, especialmente aos concorrentes da província, cujos cupões por vezes chegavam com demora por compreensível atraso de correspondência, procedemos finalmente ao apuramento da votação dessa etapa — a etapa da vitória. Esse apuramento deu-nos os seguintes resultados:

- 1.º, Luis Picarra, 4.275 votos.
- 2.º, Maria da Graça, 1.896 votos.
- 3.º, Maria Sidónio, 1.157 votos.
- 4.º, Maria Gabriela, 546 votos.
- 5.º, Maria Hortense, 406 votos.
- 6.º, F. Curado Ribeiro, 154 votos.
- 7.º, F. de Oliveira, 97 votos.
- 8.º, Etevlina Maria, 62 votos.
- 9.º, Milly, 58 votos.
- 10.º, Graciete de Melo, 53 votos.

A CLASSIFICAÇÃO GERAL

Foi em face desta votação — que veio alterar, como se vê, a precedente posição de alguns dos artistas em competição — que foram proclamados vencedores do nosso concurso:

- 1.º, Luis Picarra, 7.446 votos.
- 2.º, Maria da Graça, 3.609 votos.
- 3.º, Maria Sidónio, 3.594 votos.

- 4.º, Maria Gabriela, 1.884 votos.
- 5.º, Fernando Curado Ribeiro, 624 votos.
- 6.º, Graciete de Melo, 617 votos.
- 7.º, Maria Hortense, 608 votos.
- 8.º, Fernando de Oliveira, 457 votos.
- 9.º, Oscar de Lemos, 233 votos.
- 10.º, Milly, 199 votos.
- 11.º, Etevlina Maria, 165 votos.
- 12.º, Cidália Meireles, 136 votos.
- 13.º, Maria Teresa de Noronha, 107 votos.
- 14.º, Maria Domingas, 101 votos.
- 15.º, Orlando Settinelli, 63 votos.

Classificaram-se a seguir: Jorge de Melo, Maria Duque, Títio Lívio, Jocê Pessoa, Gina Esteves, Loubet Bravo, Ivone Rosa, Maria Eugénia, Alberto Ribeiro, Guilherme Kjolmer, Luis Escobar, Vitor Cardoso, Felisita, Carmen Dolores, Mário Nobre, Olga Maria, Rino Santos, Iracema Lobato, etc.

Era nossa intenção e desejo fazer neste número o comentário indispensável ao resultado final desta votação. Como, porém, desajamoz fazê-lo com o relevo devido, e o espaço de que hoje dispomos é insuficiente, esse comentário só será publicado na próxima semana.

OS PRÉMIOS

Como já temos noticiado, os prémios deste concurso são os seguintes: 1.º, Um aparelho de rádio «Pallard»; 2.º, Um relógio de pulso (para senhora), da marca «Longines»; 3.º, Um serviço de «tabletes» de cristal da Boémia; 4.º, Uma colecção de perfumarias «Jour de Noël»; 5.º, Uma caixa de 12 garrafas de vinho do Pôrto «Ramos Pinto», oferta dos agentes no sul desta marca, a Sociedade Commercial Ermidas Parreira, Travessa do Corpo Santo, 10; 6.º, Uma caixa de 12 garrafas de vinho do Pôrto «Ferreirinha», também oferta dos representantes desta marca, igualmente no sul do país, a firma Francisco Faure, Praça D. Pedro IV, 93.

Estes prémios serão sorteados entre os votantes dos seis artistas vencedores do concurso. Entre os que votaram no 1.º classificado, será sorteado o 1.º prémio; entre os que votaram no 2.º classificado, o 2.º prémio, e assim sucessivamente. Se um concorrente tiver votado em mais de um artista e por acaso da fortuna for contemplado com mais de um prémio, não poderá receber senão um deles, evidentemente o correspondente ao artista melhor classificado, por consequência, portanto, o prémio de maior valor. A cada um dos cupões será atribuído um número. Os concorrentes que votaram com um maior número de cupões serão aqueles, sem dúvida, que ficarão com maiores probabilidades de ser contemplados. Mas isso não exclui também a possibilidade de prémio poder sair a qualquer dos concorrentes que votaram apenas com um

(Continua na pág. 24)



CASOU-SE A LOCUTORA DE RÁDIO ANDORRA!

...E POR CAUSA DISSO CUROU-SE UM GAGO E SUÍCIDARAM-SE QUATRO JOVENS

CERTAMENTE, os nossos leitores, na sua grande maioria, conhecem a melodiosa, a agradabilíssima voz da locutora de Rádio Andorra.

Pois bem. Essa voz é popular em todo o mundo. Quando ela diz «Oi, Rádio Andorra» — milhares de ouvintes, de todas as idades e de todas as raças, têm um brilho novo no olhar e um bater mais forte no coração.

A correspondência enviada a M.ª Andorra — como ela era conhecida no mundo radiofónico — chegou a atingir um total quasi incrível. Todos os dias M.ª Andorra recebia centenas de propostas de casamento...

E ela servia-se do próprio microfone, para responder aos seus admiradores. E tinha sempre umas palavras de esperança para todos eles.

Contudo, não se resolvia... Até que um dia se começou a deixar enternecer pelas missivas lânguidas dum certo apaixonado.

Antes disso, M.ª Andorra fizera certa vez uma declaração sensacional e inesperada: ia deixar a rádio e recolher-se a um convento!

Mas logo que sentiu o seu coração tocado pelas setas de Cupido — renunciou a essa idéia lúgubre e triste, que lhe acorrera, nunca ninguém soube porquê.

E então nasceu um verdadeiro, um profundo amor radiofónico. M.ª Andorra apenas fazia passar discos, assim neste género: «Dei-te o meu coração», «Amor para sempre», «A minha afeição é eterna», etc., etc.

Tudo seguiu bem, muito bem. Mas no primeiro «rendez-vous», quando conheceu o seu amor, em carne e osso, M.ª Andorra descobriu esta coisa terrível: ele era gago!

Então, estabeleceu-se um acôrdo: M.ª Andorra só casaria, se ele aprendesse a falar correctamente.

E ele aprendeu mesmo. E casaram-se, por entre flores e música. Todavia, longe, sabendo do que se passava, quatro jovens apaixonados, desesperados e já sem esperança, resolveram suicidar-se... por amor de M.ª Andorra.

Agora, ela não é mais M.ª. É «Madame». E — calculam a ingratição dos homens... — a correspondência diminuiu para menos de metade...

À ESCUTA

NÃO PERCEBEMOS

José de Sousa Pinto, o director duma orquestra que é hoje considerada como a melhor do género em Portugal — e mesmo uma boa orquestra europeia — teima em cantar. Não percebemos porquê... José de Sousa Pinto possui «apenas» magníficas qualidades como director de orquestra, e não como cantor...

SALADA LUSO-HISPANO-BRASILEIRA...

As vezes acontecem destas coisas. Maria Sidónio lembrou-se agora de cantar uma marcha dedicada a Gregório Garcia. Até aqui vai tudo muito bem. Simplesmente, Maria Sidónio cantou uma letra portuguesa, com pronúncia abrahileirada, à maneira de certas canções espanholas...

SIMPLICIDADE...

Sempre pensamos que os Serões para trabalhadores deviam primar pela simplicidade. Contudo, são raros os artistas que assim pensam...

Por exemplo: no último serão a que assistimos, somente o trio Lamiti não usou de espaventos, nas suas blusas e nas suas saias bem portuguesas. Mas Maria da Graça, Maria Gabriela e as irmãs Remartinez, apareceram em traje de «soltrée»...

OS CABULAS E AS CABULAS...

Em Portugal, há o terrível costume dos artistas levarem sempre uma cabulazinha, com a letra das suas

canções, quando vão cantar diante do microfone...

E assim, limitando-se a ler o que está escrito, esquecem, por completo, a necessidade da interpretação.

PREGUNTAS:

1.º — Porque passou Maria da Graça a cantar em espanhol se ela era melhor, e muito melhor, nas modinhas brasileiras?

2.º — Quando se costumaram as nossas artistas a terem respeito, pelo público auditor?

REPORTER DOIS



A ÚLTIMA ENTREVISTA DE MILU . . . A 1944

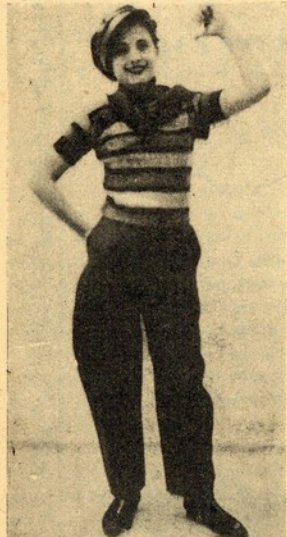
"Não voltarei ao cinema e quero viver para o lar"



1937 — «Carvoeiras» — no Eden...



1938 — «Arre, burro» — no Parque Conde de Sabrosa.



1939 — «Le chaland qui passe» — no Eden.

1940 — «As duas gatas» — Casa da Comarca de Arganil.



UMA grossa massa de nuvens cõr de cinza descerrou-se e lá em cima o céu apareceu em todo o negro ferrete, vestido de luto e a chorar magoado. A Lua é inimiga das estrélas. E, por isso, quando há luar, as estrélas se escondem. Do mesmo modo, quando as estrélas perdem a timidez e teimam em não se deixar ofuscar pelo luar — cá de baixo, da Terra, os astrólogos, assestando o binóculo, dizem sentenciadores que as estrélas andam na Lua... Você está de acôrdo com isto, Milú?...»

Iniciáramos, assim, com uma prelecção de eruditos, a nossa conversa com Milú, a pequenina-grande Milú, essa garôta de 17 anos que tem ainda o público na mão — e o amor no coração... Mas a Milú manteve-se insensível às teorias da luz e do som, à vida dos astros e das estrélas, a tudo o que não fôsse a sua arreliante decisão:

— Pense o que quiser, diga que eu ando na Lua, mas fique-se com esta: não tenciono voltar a actuar nem na rádio nem no cinema!

Conseguíramos que Milú e seu marido nos admittissem à sua mesa de chá, numa casa elegante do Chiado. Não sabíamos se à nossa conversa se poderia chamar uma entrevista ou simples «charlas», no dizer dos espanhóis. Milú decidiria. Ultimamente, a ex-menina da Rádio não tem conseguido fazer calar as vozes dos seus admiradores, da multidão que se sentiu lograda no dia em que a mais gentil, inteligente e jovem das nossas vedetas se apeou no Rossio e declarou aos jornalistas:

— Vou-me casar. Não voltarei a filmar nem estarei por muito tempo na rádio.

Milú era a noiva de todos os rapazes, o «bijou» de todos os senhores de idade — uma graça imponderável em que todos pensavam, quando se falava na possibilidade de haver cinema a sério em Portugal... De repente, essa esperança eclipsou-se, essa estrela desapareceu do nosso firmamento — onde faltam caras bonitas como a de Milú, vozes melgas, corpos de raça e um poder de arte intuitiva, formidável... É de estranhar o protesto do público? — Pelo menos, podia ser mais discreto nos seus protestos...

Não é novidade. Toda a gente sabe que Milú, no seu lar pequeno, simples mas aconchegado, construído por suas mãos ou procurado a seu gosto — não pode ter o sossego que uma senhora deve merecer, seja qual for a sua condição social. O telefone sóa constantemente, os desafios partem de debaixo da sua janela, num desafio à policia de costumes. E quasi sempre a cena feita por muitos tem poucas variantes: perguntam-lhe quando volta para o cinema ou para a rádio e desatam a dar livre curso aos improperios.

O outro dia, que estive doente com febre a 40 graus, alguém se serviu do nome de Teresa Casal para insistir pela minha presença ao telefone. Fui, mas logo vi que me tinham enganado...

O nosso público, tomado assim num plano geral, é quasi sempre grosseiro, bem sabe. Isso apenas prova a sua popularidade...

— Mas tudo isto só serve para me desgostar e fazer radicar em mim o desejo de continuar afastada de tudo...

— Todavia, há-de ter saúdaades...
— Não tenho.
— Nem do cinema?
— Nem do cinema.
— Mas não gostava?
— Assim... Você sabe que eu fiz sempre tudo «por gracinha»... Fui para a rádio por graça, fui para o

cinema por graça, namorei por graça...

— E casou por graça?
— Não, êsse foi o meu primeiro acto a sério...

Vamos a dizer que, para o público que adora Milú, no meio de tanta graça — êle foi a única desgraça. Mas temos medo de melindrar Milú que, de resto, continua:

— Foi um casamento de amor, depois de um namôro que durou três anos. Já vê, tinha eu 14 — uma garôta. E nunca tive outra inclinação, nem mesmo um «flirts». Por onde comecei, acabei.

— Mas acha que o casamento é incompatível com a vida artistica?

— Acho... no nosso meio! Você sabe melhor do que eu quanto se tem dito por aí. Só de viagens e fugas para Espanha, já não há conto! Ora, eu quero que me deixem descansada, vivendo para o amor de meu marido e a cuidar do meu lar...

— Porque resolveu casar tão depressa?

— Todas as pessoas da minha intimidade sabem que pensávamos casar. Quando comuniquei a meu noivo as novas propostas que recebera em Espanha, para fazer «Fedora», dirigida por Vajda, êle, pensando que eu acabaria por ficar pelo estrangeiro, telefonou-me e perguntou-me se eu queria casar no dia dos seus anos. Não estava prêsa a nenhum contrato que me obrigasse a aceitar a proposta de cem contos que me fizeram... Disse a meu noivo que viria para casar. E vim. Mas, afinal, admiámos o casamento mais uns meses.

— Gostou de filmar em Espanha?
— Posso dizer-lhe que fiz lá o «meu» primeiro filme. Vajda deixa o artista viver o papel à sua vontade, não impõe atitudes nem expressões.

— Olça, Milú, e se amanhã todas as mulheres fôsssem obrigadas a trabalhar... que profissão escolheria? O cinema?

— Talvez não. Depois veria...

Para uma entrevista com Milú que, *malgré tout*, continua a ser uma estréla de cinema, esta resposta não é nada animadora. Mas ella insiste:

— Não tenho a menor intenção de regressar à minha actividade artistica; só aspiro a ter um lar feliz e calmo. Creio que ninguém tem nada com isso, que é uma ambição respeitável que o público há-de comprehender. Digo-lhe mais: esta é a minha última entrevista. Ponha lá tudo o que eu disse, mas não faça como muitos que, pelos domingos, tiram os dias santos...

E Milú conta:
— Uma vez, um jornalista perguntou-me qual a artista que eu mais apreciava. Para a pergunta banal, respondi simplesmente: «Betty Davis». Pois, foi o bastante para virem dizer: «A Milú quer ser a Betty Davis portuguesa!». Já viu coisa mais ridicula?

* * *

Dentro de dias, val estrair-se em Lisboa o filme que Milú fez em Espanha: «Doze luas de mel». Ella já estará na estréla, envolta no seu longo vestido de noite. Pela última vez, Milú aparecerá em público. Os seus admiradores não deixarão de a encher de palmas e flores — homenagem à artista que, se quisesse, poderia estar hoje em Hollywood, a tentar conquistar no mundo o lugar que Deana Durbin perdeu — homenagem à mulher que, por amor a um lar pequenino e simples, perdeu glória e fortuna.

Obrigada, Milú, por tanta amabilidade, concedendo-nos a sua última entrevista!



1944 — «Em dôze luas de mel» — vedeta do cinema europeu...



1943 — No «Costa do Castelo» — vedeta do cinema português.



1942 — Na Rádio, Milú é, então, a grande vedeta.

1941 — em casa... Um momento de meditação.



SUISSE

Mondia

relógio

TITAN

SUISSE

DUAS MARCAS
QUE MARCAM CERTO

composição / Mentholum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs.
Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE

ANALGÉSICO

GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS

Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1.ª classe
pela Faculdade de Paris

**O mais antigo Analgésico
de resultados seguros**

Um medicamento que deve existir em todas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

**Escola de Corte, Costura e Chapéus
M.ª JUSTO**

Sóde, Direcção e Secretaria: R. de S. Lázaro, 127, 1.ª (Frente à Maternidade
Magalhães Coutinho)

À melhor e mais frequentada de todo o País — As senhoras
chics devem usar os modelos de chapéus da M.ª Justo.
Estes modelos são executados pelas suas alunas, mas sob
a orientação técnica de M.ª Justo

Uma defesa permanente contra as bactérias e um
dentes são e holes terá V.ª Ex.ª na boca se usar:

Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida

Notívago á força...



...de tal forma o fato dêle está
crivado de nódoas!

Ora apenas com 2\$00 êle conse-
guia pôr o fato decente, bastan-
do limpá-lo com o célebre

CASULO Limpa-Fatos

composto admirável de 6 substân-
cias químicas inofensivas
que elimina por completo LUS-
TRO, NODOAS, MAU CHEIRO
e TORNA OS FATOS COMO
NOVOS E MAIS DURAVEIS.

EM TODAS
AS DROGARIAS
Revenda
SCHROETER
& ALMEIDA

Rua da Madalena,
128, 2.ª — LISBOA



OS NOSSOS INQUÉRITOS SEMANAIS

(Continuação da pág. 15)

convivência entre duas pessoas. E
um defeito que não tem direito de
existir nos nossos tempos: toda a
pessoa bem formada devia até abo-
li-lo. No caso de êle existir, deve-
mos fazer o possível por não o de-
monstrar, pois só contribue para a
existência de brigas que por vezes
se tornam catastróficas.

MORENA CLARA

«O ciúme reforça o amor — mas só
o nosso! Quando amamos verdade-
ramente, receamos sempre que ou-
trém nos roube o eleito do nosso
coração. Nunca devemos demonstrar
que temos ciúmes. Não só lisonjeia
a validade «dêle», como indicará que
nos julgamos inferiores àquela que
no-lo inspira. Não deveríamos consi-
derar o ciúme um defeito, mas classi-
ficá-lo de virtude, seria o mesmo que
instituir um prémio àquelas que o
cultivassem em maior escala!

Será melhor, para evitar valdades
femininas... considerá-lo o mais
terrível e indesejável defeito!».

REGINALDA BRANCA-FLOR

«O ciúme exagerado aborrece e
maça. Deve-se ter toda a confiança
na pessoa amada e não acontecendo
assim, não se ama! Mas o ciúme re-
lativo e não em excesso, não sendo
uma virtude, é uma prova de inter-
resse que nos satisfaz e nos dá maior
certeza de sermos amadas.».

WANDA MARIA

*Maria
Del Carmen
Asensio*

gentil filha do Ministro da Guerra de
Espanha, foi eleita em Valencia «Rai-
nha das Bonecas de 1944». «Berliner
Illustrierte Zeitung», na sua capa do
n.º 18 publica um magnífico retrato
da eleita. Lêr também uma reporta-
gem gráfica das festas em Valencia

Berliner Illustrierte

a maior ilustração de actualidades do
mundo, é uma publicação que deu
sempre fama mundial às revistas edi-
tadas na Alemanha, não só pelo seu
atraente conteúdo, como também
pelo aspecto geral e notável impres-
são. Vende-se em toda a parte por
Esc. 2\$00 ex.

**TÃO CERTO COMO
1 E 2 SEREM 3**

Torná-lo-emos rápida e económica-
mente Guardalivros se seguir os nos-
sos modernos cursos por
correspondência. Peça folhetos gratis a:
**INSTITUTO LUSO-BRASILEIRO
DE COMÉRCIO**

Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12. 1.ª
PORTO

N. B. — Não nos remeta dinheiro para sôcos

TRIPLO VERITAE

157

Não peça a sorte...
... peça

Niepoort

O PORTO E A INDUSTRIA CINEMATOGRAFICA NACIONAL

Os jornais já deram a notícia. Uma empresa do Porto propõe-se construir naquela cidade uma fábrica de filmes. A iniciativa estão ligados nomes prestigiosos do meio financeiro nortenho, nomes que são a garantia de que se não trata de mera aventura ou de simples tentativa, mais ou menos oportunista.

O Porto foi, há algumas dezenas de anos, o maior centro cinematográfico português. O único período brilhante da cinematografia nacional coincide precisamente com a actividade da Invicta Filme, no bom tempo em que os estúdios portuenses produziam muito e bem, em perfeito entendimento até com os mercados estrangeiros, num intercâmbio que trouxe até nós cineastas, artistas e técnicos de renome. Bem orientada industrialmente, a produção continua resultou então uma magnífica realidade.

Não foi merecidamente que o Porto ganhou o título de «capital do trabalho». As indústrias multiplicam-se e encontram sempre os homens capazes de as fazer prosperar. Não há apenas da parte deles uma vontade decidida de resolver os problemas. Há, digamos, um sexto sentido, que facilita a solução das respectivas incógnitas. Depois, o Porto — seja por uma questão de competência ou de emulação — habituou-se a ver «em grande». Aquêles que percorrerem a Cidade Invicta notarão, a cada passo, provas do que afirmamos. O «Coiseu» e o «Rivoli» são dois exemplos, dentro do campo cinematográfico. Mas a par desses, quantos outros, em tôdas as manifestações da actividade humana.

O cinema, indústria extraordinariamente complexa, exige, para se desenvolver e prosperar, que se estudem os problemas instantes, que se encontrem para eles soluções imperiosas para, depois, a organizar, dentro de bases sólidas. Pela sua própria maneira de ser, a indústria não se compadece com hesitações ou com vistas estreitas. E, assim, tudo indica que os industriais do Norte estejam em condições para enfrentar, com êxito, as dificuldades da iniciativa a que se vão votar.

Fazemos votos por que a empresa anunciada seja levada a bom termo — e que o Porto, dentro em breve, tenha um estúdio, para reatar a tradição de uma indústria cinematográfica, inteligentemente orientada, próspera e com aquêl caracter de continuidade que Lisboa, mau grado todos os esforços, ainda não conseguiu tornar realidade.

FERNANDO FRAGOSO



SEPARADOS PELA GUERRA

Annabella e Tyrone Power continuam a ser sempre os «sempre-noivos»...

LISBOA viu-os, nos dias alegres e felizes duma lua de mel, apenas ensombrada pelas nuvens da guerra. Annabella e Tyrone Power gozaram as delícias de uma viagem pela França e pela Itália, ainda não dilaceradas pelas lutas que haviam de tornar as verdes campinas e as idílicas aldeias, em campos de ruínas, desolados e fumegantes.

Depois, já a caminho da América, voltaram a Lisboa. Estiveram no Estoril, esquecidos do mundo. O «Clipper» levou-os para Hollywood, que os esperava impaciente. Mas Annabella tornou à Europa para afastar a mãe e filho do vulcão que iria irromper, num mar de fogo, em Maio de 1940!

A guerra perseguia-os, por toda a parte. E veio Pearl Harbour. Tyrone Power alistou-se. Fêz ainda um ou outro filme, aproveitando o curto espaço de algumas licenças. Mas agora, não regressará aos estúdios, antes da guerra acabar. É apenas um soldado, um soldado como qualquer outro, em serviço

algures, com as forças americanas.

Annabella não ficou inactiva. A sua casa passou a ser uma «creche». Algumas dezenas de crianças, que perderam os pais pelos azares da guerra, crianças órfãs, sem o amparo de parentes próximos ou longínquos, brincam hoje nos jardins da vivenda dos dois artistas.

E enquanto sobre a face da terra, os clarins não houverem tocado, definitivamente, a cessar fogo, Tyrone e Annabella, longe um do outro, cumprirão o seu dever, na dura emergência em que a actual conflagração mergulhou a América.

E o amor, que se manteve sem a sombra de uma dúvida, contra o que todos esperavam, sairá rejuvenescido por certo desta provação. Quando voltarem a reunir-se, Annabella e Tyrone Power sentirão por certo de que o élo espiritual que os juntou, se fortaleceu na saúde um do outro — e dos bons tempos em que se limitaram a ser pelas estradas luminosas da Campania — dois num automóvel...



No «Cocoanut Groves», o restaurante famoso de Hollywood, realizou-se, recentemente, uma festa a favor da Cruz Vermelha Americana. O programa, atraente e variado, tinha este interesse especialíssimo: os artistas apresentavam-se fora do seu género habitual... O grande êxito foi o quarteto constituído por Herbert Marshall, Eddie Sutherland, Spencer Tracy e Gene Markey, que se exibiu com os chapéus emprestados, respectivamente por Rosalind Russell, Lana Turner, Dorothy Lamour e Joan Bennett. Os leitores poderão ajuizar, pela foto, o pittoresco aspecto do conjunto...

QUANDO OS ALIADOS ENTRAREM EM ROMA...

EM princípios de Abril, o rei Vitor Manuel da Itália recebeu em audiência na sua habitação accidental, instalada a 50 quilómetros de Nápoles, o sr. Robert Murphy, representante dos Estados Unidos no Conselho Consultivo do Mediterrâneo, sir Noel Charles, novo Alto Comissário britânico e o seu predecessor, sr. Harold Mac Millan e o tenente-general Sir Frank Mac Farlane, chefe da comissão inter-aliada.

Esta visita do sr. Murphy tinha, em princípio, significado de pura cortezia, visto que acabava de chegar da América após longa ausência. Porém, como simultaneamente o sr. Mac Millan acompanhara o diplomata americano para apresentar, ao monarca italiano, Sir Noel Charles, que ia ser o seu sucessor no Conselho Consultivo para a Itália, Vitor Manuel aproveitou a ocasião para discutir com os representantes britânicos e americano, as condições em que deveria ser feito o seu afastamento político.

A posição do rei de Itália como chefe de Estado encontrava-se, inevitavelmente, comprometida desde o dia da invasão da *bóia* italiana e do colapso do regime de Mussolini. Para todos os efeitos, perante os chefes dos chamados partidos democráticos da Itália, o monarca estava excessivamente identificado com o fascismo ao qual — é certo — dera vida, para vinte anos depois, o condenar à morte.

Esses vinte anos de colaboração voluntária ou involuntária com o Duce foram, politicamente, fatais para o actual Chefe da Casa de Saboia, visto que o facto de ter deposto Mussolini em 1943, não impedia que os seus detractores o acusassem e o condenassem por ter aceite os «camisas negras» em 1922.

E, embora Vitor Manuel nos seus apelos ao exército incite, *agora*, os seus soldados a perseguir e a expulsar da Pátria o «desumano inimigo da nossa raça e civilização», tal atitude não apaga da mente dos adversários do rei o que se passou em

1940 quando a Itália, sob a «esclarecida» direcção do «Duce do Fascismo», alinhou ao lado do país que presentemente considera a maior ameaça da humanidade.

A monarquia, seja em que país fôr, deve ser, em princípio, um símbolo de estabilidade. Tal como estava apresentada em Itália por Vitor Manuel, a monarquia transformara-se num indício absoluto de instabilidade política e foi, precisamente, isso que o monarca italiano parece ter compreendido e reconhecido. Dêste modo, pela segunda vez na sua vida, Vitor Manuel salvou a Casa de Sabóia...

Quando da marcha sobre Roma, Mussolini entrou na capital como republicano, mas ficou como ministro do rei... Desta vez, o caso era outro; não eram apenas Benedetto Croce, o filósofo liberal, e o Conde Sforza, que se recusavam a colaborar com o governo do marechal Badoglio enquanto Vitor Manuel permanecesse no trono.

Os próprios monárquicos advogavam também a abdicção do rei em favor de um dos seus descendentes e, até certo ponto, pode ter causado surpresa o facto de ser o príncipe Umberto o indigitado para o cargo de futuro «tenente-general do Reino», em vez de se ter formado um Conselho de Regência que governasse em nome do filho de Umberto, o príncipe de Nápoles.

Porém, tal Conselho de Regência seria composto, principalmente, por políticos com interesses em conflito, os quais inevitavelmente transformariam a regência num centro de intrigas e rivalidades que tornaria a instabilidade governamental ainda mais instável (passe o pleonasmo!)

Por ora, Badoglio tem tanto direito e autoridade para falar em nome do povo italiano como Croce ou Sforza, tanto mais que, depois da remodelação do gabinete do marechal, o afastamento de Vitor Manuel e a regência de Umberto «estão dependentes da libertação de Roma, e enquanto as regiões industriais do norte da Itália não

forem ocupadas pela administração badogliana não deve ser possível formar o governo definitivo.

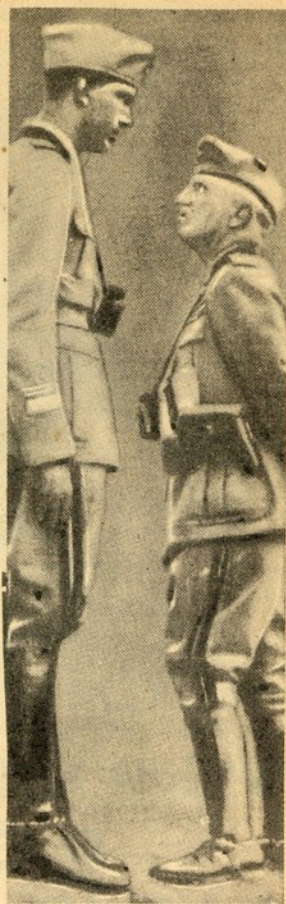
A decisão do rei Vitor Manuel «transferir formalmente o poder» para seu filho, reflecte, segundo parece, a sua solução pessoal num problema a duas incógnitas. Ao verificar, passado algum tempo sobre a última mutação do cenário político italiano, que os clamores populares, em que se exigia a sua abdicção, não podiam continuar a ser indefinidamente ignorados, Vitor Manuel não quis sujeitar a monarquia italiana à crítica pública provocada pura e simplesmente por interesses egoístas.

O monarca saiu de Roma numa ocasião em que não podia prever que a ocupação seria tão demorada, e como está convencido de que o povo italiano deseja acima de tudo uma forma de monarquia constitucional que só a Casa de Saboia está em condições de satisfazer, deseja regressar em pessoa à capital que os argumentos militares e políticos o forçaram a abandonar tão à pressa, para só então deixar a chefia do Estado sem que se possa dizer que o rei abandonou o povo num momento de crise nacional.

Quanto à nomeação do príncipe de Piemonte para o cargo de «tenente-general do Reino», nada de extraordinário — além do que já se disse — há a registar em semelhante medida política, visto que é esse o procedimento constitucional a que se joga mão em Itália sempre que o rei, por qualquer motivo, se encontra impossibilitado de exercer as suas prerrogativas reais.

Na guerra de 1914-18, tal missão, durante as longas ausências de Vitor Manuel na frente de batalha, esteve a cargo do Duque de Génova. Esta substituição teve, no entanto, nessa ocasião, um carácter temporário, ao passo que agora o monarca afirma peremptoriamente: «A minha resolução, que fomentará a unidade nacional, é final e irrevogável.»

JOSÉ CORREIA RIBEIRO



A decisão do rei Vitor Manuel «transferir formalmente o poder» para seu filho Umberto teve como precedente a substituição do monarca pelo Duque de Génova, quando em 1914-18, aquête viveu durante alguns meses nas trincheiras, junto dos seus soldados...



«A Itália alinhou, em 1940, ao lado do país a que Vitor Manuel chama hoje «desumano inimigo da nossa raça e civilização»...



Os vinte anos de colaboração voluntária ou involuntária com o «Duce do Fascismo» foram, politicamente, fatais para o chefe da Casa de Sabóia...

Na Sociedade Nacional de Belas Artes abriu mais um Salão de Primavera

SERÁ possível dar uma opinião justa sobre o certame que acaba de ser inaugurado no rés-do-chão das Belas Artes? Sinceramente — achamos humanamente impossível a tarefa, dentro do espaço exíguo de que se dispõe. De resto, perante o que ali se vê, será lógico perguntar: valeria a pena dissecar os objectos expostos, até lhes expurgar o que de facto é banal e inexcusável de mau gosto? Pode afoitamente dizer-se que ao critério que presidiu na admissão de obras não deve ter correspondido o valor dos admitidos — amadores de cenouras e melancias, na sua grande parte, reedições de assuntos banais, milhões de vezes utilizados.

A culpa, naturalmente, não pertence ao júri de admissão. Se não concorreram outros valores mais altos, não haveria processo de os inventar. Pelo contrário: apareceram por lá trabalhos de tão mau gosto que só num atelier de artista mediocre poderiam aparecer... encobertos. Torsos, coisas de nada, como livros — tanto na pintura como na escultura não se pode dizer que houvesse rigoroso espírito de selecção. Ou, então, talvez houvesse: ninguém nos diz que aquilo não são os destroços de uma tempestade de inferioridade.

Quem tiver passado pelo Salão Internacional de Fotografia e visitar agora o Salão da Primavera, há-de reconhecer que a arte fotográfica está em franca e feliz evolução, ao contrário da pintura que, cada vez mais, principalmente dentro das correntes chamadas clássicas, entrou em decadência evidente.

Este parecer não significa, de modo algum, um protesto das barricadas avançadas: é apenas o reconhecimento de uma verdade — pelo menos, quanto a nós e em relação ao que está à vista no último reduto dos partidários do esteticismo clássico...

Apointamentos sobre escultura

Começamos pela escultura, porque é nela que está a mais honrosa representação de novos e velhos. Aparecem, mesmo, algumas notas ousadas: João Fragoso, além de uma estupenda cabeça de «Pescador da Arrábida», dá-nos, com a colaboração de Joaquim Correia — olá, temos parcerias como nas peças teatrais! — uma desnordeante «Gasela»; Martins Correia, «Em pedra policromada» um busto de linhas modernas, com raízes no mais puro classicismo; Ana de Gonta Colaço, além de duas boas cabeças apresenta obra monumental: «Cristo alanceado» — que ofereceu ao Cardeal Patriarca — e que é uma interpretação humana excelente, com um poder seguro de pormenores psicológicos e um estudo sério da anatomia; Manuel Santana, nosso companheiro de trabalho, surge escultor inesperadamente — ou talvez não, se bem atentarmos na «modelação» e relêvós do seu desenho — para ocupar no primeiro assalto um lugar de vanguarda, com a sua cabeça «Meu Pais»; Maria de Lourdes Pinto, uma estreante, salvo erro, apresenta uma «cabeça» que revela apreciáveis qualidades; Joaquim Correia expõe uma expressiva cabeça de mulher; e Numidico uma cabeça cheia de pureza.

Há, naturalmente, muitos novos que mereceriam uma referência de estímulo. Mas nós tomámos notas sem catálogo — ainda não estavam feitos — verdadeiramente a bolar num mar de trabalhos, e só aqueles que verdadeiramente fizeram assalto à vista desarmada se impuseram. O resto, por muito bem que seja, desde que tenha ficado na penumbra da sala — permaneceu no escuro da nossa ignorância. Ao menos, isto que sirva de consólio para quantos não são abrangidos nesta citação e perante si próprios se julguem dignos de um simples adjectivo...

Na parte dos consagrados, há muita coisa de bom, de regular e mauzinho. Em primeiro lugar, queremos citar Henrique Moreira, que é um dos melhor representados: o seu «Torturado de Seide» é qualquer coisa de muito bom — e quasi tanto se pode dizer da cabeça do Dr. Sousa Costa; António Duarte apresenta-nos uma máscara muito boa de António Correia de Oliveira e um bom estudo para estátua; Delfim Maia expõe dois modelos de céra fundida, cheios de beleza imponderável: «Assim se toureia» e «Varinas»; Euclides Yaz mantém-se sem acusar quebras nem subidas, e Raúl Xavier apresenta os únicos — ou talvez não? — bronzes deste certame.

«Bragançanos» — Joaquim Lopes.

«Trabalhos» — Fernanda Calderon Marques.

«Os músicos de Malpica» — de Fernando Santos

ARTES



«O Torturado de Seide» — Henrique Moreira.



«Cristo Alanceado» — Ana de Gonta Colaço.

Guardamos para o fim: António dos Santos que expõe o busto de largas proporções — artísticas e materiais — do falecido Ribeiro de Carvalho, e um medalhão com um auto-retrato e o retrato de sua mulher, duas notas que atestam o vigor de quem as modelou. E, finalmente, falamos de José Joaquim Ramos que expõe dois conjuntos de largo relêvo e impressionante dramatismo: «A marcha» e «A séde» — duas evocações das campanhas de África — e José Farinha, outro novo que rapidamente alcançou lugar invejável para «velhos», que apresenta três retratos, entre os quais o do sr. cônsul da Grécia.

Notas sobre pintura

Os olhos passaram-nos agora pelas paredes onde sobem e descem os 252 quadros do Salão. Haverá coisas, realmente, de novidade? A nosso ver, só «umas colsinhas» renovadas: «Homens do fogo», de Luiz Dourdil, «Minetros» e «Velho Castanheiro» de Aires de Carvalho, dois quadros grandes pela técnica, pelo arrejado das manchas de um terra de sena bem casado com os azues...

Alda Machado Santos surge florista de uma personalidade desconcertante — e magnífica — ao lado de seu marido que apresenta, além de «Gaitreiro», «Músicos da Malpica», talvez prejudicados por um certo arzinho cenográfico que se pegou ao artista, metido entre bastidores; Murteira, que ainda há pouco nos dera um grande e valioso conjunto, ressurgiu — se é que esteve alguma vez ausente — com algumas paisagens penumbrosas e úmidas; Rudy, um colaborador de sempre desta revista, também apareceu, depois do êxito na última exposição de aguarela e pastel, com um auto-retrato que acusa a excelente persistência de um antigo discípulo de Mário Augusto. Este malogrado artista, de resto, não revive só no trabalho de Rudy; há nesta exposição outros artistas, jovens discípulos de um mestre jovem e entre os muitos, Fortunato Anjos, que nos dá, principalmente, em «Acção de Graças», uma visão etérea de beleza e virtudes; Mestre Varela Aldemira e Falcão Trigoço dão-nos algumas manchas magistrais da terra portuguesa e José Campas um prodigioso retrato de «Mestre Hilário», marítimo, pescador e construtor de barcos de pesca; Albino Cunha tem, principalmente, em «Alta Costura», delicadeza poética e Machado da Luz, um artista que há um ano surpreendeu os frequentadores do estúdio de S. Pedro de Alcântara, aparece agora com flôres, paisagem e um retrato «super-diáfano»; Luiz Salvador Júnior, que tão mal nos parecera, há tempo, nas aguarelas, reabilita-se prodigiosamente nos trabalhos que apresenta, com excepção de «Luz da Ribalta» que tem, realmente, dureza de linhas e demasiada influência de palcos...

Enfim, na fila dos novos, distingue-se Silva Lino e, na dos avançados, Maria Luíza D'Emerghi, João Pedro Veiga, Couto Tavares e Michel de Sousa — não fazem má vizinhança com Mestre Joaquim Lopes que aproveitou os lares de director da última Missão de Estética em Bragança, para pintar «Bragançanos», um quadro de larga composição e belos efeitos de transição de luz.

— O resto — aparte a obra dos consagrados, que já não precisa de estímulo — é coisa de pouca monta. Mas, do valor dos seus autores, nos falarão as próximas exposições. Então se dará razão ao júri que, com a sua benevolência, quis apenas significar a sua confiança dos novos. Oxalá todos tenhamos que esfregar as mãos de contentes.

M. A.



«Meu Pais» — Manuel Santana



«O caduceu de Mercúrio» — Isidoro Neto



«Bênção divina» de F. Gonçalves e, em baixo, «A última aquisição», de Luiz Salvador.



TOIROS



Uma «pega» rija

Uma corrida mais...

TARDE aborrecida a do último domingo no Campo Pequeno, tão aborrecida que, ao surgirem coisas verdadeiramente merecedoras de palmas — e foi quasi tudo o que fez o novillero António Rangel — o público não se manifestou porque já se tinha aliado do que se passava na arena e claramente mostrava o seu desejo de ver terminado um espectáculo que perde todo o interesse. Manuel dos Santos, na inteligência, fez quanto pôde para salvar a corrida, mas nada era possível conseguir no ambiente que se criara.

A quem atribuir culpas? Os toiros, os eternos responsáveis quando os toureiros os não sabem tourear, não podem desta vez ficar com o péso das culpas, pois que, principalmente os destinados à lide eqüestre, deram boa «pelea», e no conjunto, verdadeiramente mau, só houve um — o segundo, de «Ahijado del Matadero». De facto, os criadores Irmãos Oliveira, de Samora Correia, enviaram uma corrida de que resultaram dois toiros bravos e dois absolutamente lidáveis, para serem farpeados por cavaleiros, e quatro de menos poder para a lide à espanhola, tendo dois cumprido. Um outro apresentou dificuldades e, ainda um último era mesmo mal intencionado e perigoso. Ora isto não é de todo mau. Má foi a lide que alguns deles tiveram e, sobretudo a brega que outros sofreram.

O toureiro à espanhola, nos três «tercios», necessita de uma homogeneidade que tem que ser dada pelo equilíbrio nas «cuadrillas», e os mexicanos que no domingo saíram a tourear não tiveram um só «pido de brega» digno desse nome. «Alfarero», uma vez por outra deu o seu «capotazo» acertado, mas já não tem idade para poder dispendir aquele esforço que na referida lide se exige de um subalterno. Rangel, então, esteve verdadeiramente desamparado, pelo que o segundo «tercio» dos seus toiros se arrastou escusadamente, furando ao público disposto para aplaudir, como se devia, os seus excelentes pares de bandarilhas. Houve até um momento em que Procópio, na trincheira e apenas mostrando o seu capote ao toiro, foi de mais utilidade que aqueles que pela arena andavam em correrias desordenadas. É claro que assim não pode resultar brilhante a lide de um toiro à moda de Espanha. Se cada um rema para seu lado, a embarcação tem que andar à deriva; da mesma forma se cada qual faz o que lhe apetece, tem que obedecer a uma vontade e até estorvando a ação de quem manda, por não conhecer o seu lugar no redondo, o trabalho do «espadas» tem que forçosamente ressentir-se disso.

Mas se os mexicanos podem ter essa atenuante, outro tanto não acontece com os cavaleiros que tinham a auxiliar o seu labor, os campeões categorizados de Procópio e Saraiva. Apesar disso, afundaram-se, sobretudo Fernando Salgueiro que tendo que haver-se com dois toiros com qualidades bastantes para facilitar um êxito, esteve de uma vulgaridade absoluta, sem personalidade nem autoridade. De todo esse trabalho, merecendo boa classificação, apenas anotámos um ferro cumprido e um «curto», entrando absolutamente de caras no toiro que abriu praça.

D. Vasco Jardim, no seu primeiro toiro, esteve pouco mais ou menos como o colega, errando ferragem sem o menor luzimento. No sexto salvou-se com uma lide movimentada e correcta de que podem destacar-se dois ferros cumpridos e o colossal «curto» com que terminou.

Leopoldo Ramos «Ahijado del Matadero», à volta de quem se bordou um reclamo que ficamos sem saber se foi ou não merecido, deu-nos muito pouco para que possamos aquilatar com segurança do seu real valor. Dois ou três «capotazos» de efeito e meia dúzia de «muletazos» evidenciando uma desorientação que não pode ser característica do seu toureiro, é insuficiente para que façamos um juízo seguro, pois pareceu-nos impossível que o que vimos retrate de facto o que é Leopoldo Ramos. Como bandarilheiro mostrou-se de boa categoria, com pasmosa facilidade a entrar por qualquer dos lados.

António Rangel, com forte vontade de se sair bem, conseguiu-o absolutamente. Tirou dos seus inimigos todo o partido que podiam dar, lançando de capote com beleza e valentia, quer o fizesse por «verónicas», por «gaoneras» ou por «chicuelinas», bandarilhando com vista, decisão e limpeza, e ainda nas «duas «faenas» que fez com toiros que, não se pretendo a filigranas, lhe conduziram, porém, várias passas boas à custa de verdadeiro esforço de vontade. Rangel mostra-se assim em bom plano para a pretendida alternativa.

O grupo de forçados de Lisboa teve uma boa «pega» de caras por Matias — depois, enquadrou na monotonia geral.

Procópio e Saraiva, na «brega», como sempre acertados e diligentes.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11\$00



Firmin Rivera

Leopoldo Ramos

Rangel

Uma hora com os mexicanos

EXTREMAMENTE simpáticos, os mexicanos Rivera, Leopoldo Ramos e Rangel, tiveram a gentileza de nos ler, durante uma hora, no seu convívio. Foi-nos, então, possível recolher alguns apontamentos que, estamos certos, interessarão ao público afluente.

Fermin Rivera, que Lisboa já aplaudiu com delírio, é dos toureiros que mais cedo chegou à «alternativa», recebendo-a apenas com 17 anos. Duma grande simplicidade e cativante correcção de maneiras, fala-nos da actualidade taumática no México citando como primeiras figuras, «Armillita» Silvério, Procuna, Arzuza e «El Soldado».

Quando insinuámos que deveria incluir-se nesse número, responde com sinceridade:

— Não... ainda não; mas tudo farei por conseguí-lo. O caminho está iniciado... e com um pouco de sorte, chegarei!

Leopoldo Ramos «Ahijado del Matadero» tem um espírito mais vivo, irrequieto. Muito conversador, «diz-nos que aprendeu escultura e que é um apaixonado pela pintura. Insistimos para que nos fale de toiros, mas ele insiste em referir assuntos de arte, comentando obras de arte que já visitou e pedindo-nos infor-

mes sobre os museus de Lisboa que quer visitar. Confessa-se encantado com Portugal e com o povo português e então reafirma o propósito de superar-se a si próprio para corresponder à expectativa do público, concluindo muito sério:

— Entre nós, mexicanos, não haverá nunca uma combinação. Vamos para a praça para lutar. Porém, com o mesmo afan com que equitamos palmas a um companheiro, lhe «equitaremos» o toiro que estiver em perigo. Somos bons amigos, mas acima de tudo somos toureiros!

António Rangel conta-nos que já tomou a «alternativa» em Caracas (Venezuela) mas que regressando ao México, renunciou, pois quer recebê-la em «El Toreo».

Acha-se disposto a conquistar bons triunfos, com vista à próxima alternativa e diz-nos que já tinha saudades de Portugal pelo que está satisfeito de ter voltado.

Admira a arte dos nossos cavaleiros, fazendo o elogio de Simão da Veiga e António Luiz Lopes — os que melhor conhece por terem tido o seu toiro no México.

Por fim, entrando como em «quites», cada um nos refere uma anedota da sua vida, que oportunamente contaremos.

CAPOTAZOS

MAIS UM LIVRO DE TOIROS



Depois do livro do Dr. Saraiva Lima, um outro está sendo preparado, segundo se afirma em «Fó-lhas Taurinas» — o jornal que julgamos de publicação eventual e cujo primeiro número apareceu há duas semanas.

Desde a publicação dos excelentes livros de Pepe Luiz e D. Bernardo da Costa que nada mais se fez a enriquecer a bibliografia taurina portuguesa, pelo que é com agrado que vemos aparecer esses novos volumes que, à parte o mérito próprio, valem sobretudo por marcarem uma época de entusiasmo pela festa brava.

A RAZÃO ERA SIMPLES



Manuel Garcia «Espantero» foi o toureiro de certo reportório, que, segundo opiniões do tempo, conseguiu destacar-se, apenas pela forma fácil e fulminante como estocava.

A falta de recursos artísticos dava lugar a frequentes colhidas e uma vez, tendo estreado um «traje de luces» de cor intensamente amarela, saltou-lhe um toiro difícil e foi mais o tempo em que andou pelo ar do que aquele em que

esteve de pé. No fim da lide, como «Espantero» se lastimava, o bandarilheiro «Valências» respondeu-lhe sorrindo:

— A culpa foi tua Manolo; para que te vestiste de «canário»?

OPINIÕES QUE VARIAM



É notória a má-vontade que se vem manifestando contra Gregório Garcia, incompreensível e rigor que até revela ingratidão para com o toureiro que tão grande serviço

prestou ao meio taumático nacional, emprestando-lhe um entusiasmo revigorador cujos resultados todos conhecem. Essa corrente contrária toma um aspecto de certo modo grave, quando os pareceres emitidos tendem a influir na opinião pública por serem lançados através da Imprensa.

Não compreendemos como haja motivo para que se acuse de teatral e se leve à traça, um homem que ainda há poucos meses merecia que se encimassem as crónicas com os dísticos bem expressivos de «Olé, Gregório Garcia!» e «Nasceu um toureiro».

Resta-nos a consolação de esperar que tais opiniões não tenham repercussão sensível, pois, que saem a lume juntamente com conceitos inconsistentes como aquele em que se afirma que os toiros sem casta são, na generalidade, mais suaves e «pastueños» que os autênticos toiros de lide!



VINHO do PÔRTO

tem o
sêlo de garantia

DO INSTITUTO DO VINHO DO PÔRTO



APP

Rainha da Hungria
OS PRODUTOS DE BELEZA HA' MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

M. CAMPOS

RAINHA DA HUNGRIA

Gregório Garcia

(Continuação da pág. 17)

ro, dos países que visitou, qual a mais bela?
Gregório Garcia sorri e, num passe de capa esplêndido à nossa indiscreta pergunta, replica galante-mente:

— As mulheres bonitas são sempre bonitas em qualquer parte do mundo!

E nós, com todas as nossas premeditações e perguntinhas de algebeira, perdemos a partida...

NÃO CASARÁ POR ENQUANTO

Gregório Garcia casa? Não casa? Eis a pergunta formulada em todos os lábios.

Nós, com a reconhecida indiscreção de todo o jornalista que se preza, lançamos a pergunta:

— Então, matador, «usted» sempre se casa ou não?

Gregório Garcia olha-nos um pedaço e depois diz:

— Ora até que enfim que um jornalista me faz essa pergunta! Tem-na feito a todo o mundo e todo o mundo tem respondido por mim. Pois bem: Por enquanto não penso nisso!

— No entanto, dizia-se que o Gregório Garcia vinha este ano especialmente para casar e até que Carlos Arruza e a mulher viriam apadrinhar o acto!

— Por mim, repito: Não penso casar-me por enquanto! Quanto a Carlos Arruza, vem, sim, a Portugal mas unicamente para tourear. E é tudo!

Despedimo-nos desejando as maiores felicidades ao grande matador mexicano.

E que a Virgem de Guadalupe, «La Virgen Morena», proteja sempre Gregório Garcia como até aqui!

NUNO BERMUDEZ

A BOLSA DO LIVRO

Praça de D. João da Câmara, 4-4.
LISBOA TEL. 2 8470

compra, vende troca,
empréstia e leilão
livros em todo o país.

Informações bio-bibliográficas, etc.

Única organização
no seu género

Sal
PARA COSINHA E MESA

IRSA
O MELHOR

A VENDA NAS BOAS MERCEARIAS

Distribuidor exclusivo em LISBOA
IRMÃOS COSTA DIAS, L.ª
Rua Braamcamp, 62 - 64 — Tel. 40630

É ESTA A EMBALAGEM DA VERDADEIRA

IODALOSE GALBRUN
QUE O MÉDICO LHE RECEITA

NÃO CONSINTA!
... que lhe substituam por qualquer imitação com nome idêntico.

IODALOSE GALBRUN

IMPORTANTE: A IODALOSE já foi falsificada e ainda é imitado.

DEPOSITÁRIOS:
LISBOA F. A. CANOBBIO & C.ª, L.ª
Rua Desceano Monteiro, 142
PÓRTO ERNESTO BASTOS LOPES
Rua do Almada, 584

EMBALAGEM REGISTADA
EM TODOS OS PAÍSES

É ESTA A EMBALAGEM DA VERDADEIRA

IODALOSE GALBRUN
QUE O MÉDICO LHE RECEITA

NÃO CONSINTA!
... que lhe substituam por qualquer imitação com nome idêntico.

IODALOSE GALBRUN

IMPORTANTE: A IODALOSE já foi falsificada e ainda é imitado.

DEPOSITÁRIOS:
LISBOA F. A. CANOBBIO & C.ª, L.ª
Rua Desceano Monteiro, 142
PÓRTO ERNESTO BASTOS LOPES
Rua do Almada, 584

UMA GRANDE NOVIDADE LITERARIA

O PRIMEIRO ROMANCE DOS PRISIONEIRO DA GUERRA ACTUAL!

AGADA DE APAREGER E INTITULA-SE:

OS ELOS DA CORRENTE

de que é autor **Robert Gaillard**
Um documento impressionantissimo

Pelo seu alto mérito, este romance obteve o

Prémio Théophraste Renaudot 1942

OS ELOS DA CORRENTE

É o romance da hora dramática que o Mundo vive

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS EDITORIAL SÉCULO

RUA DO SÉCULO, 63—LISBOA

Qual a vedeta mais popular da nossa rádio?

(Continuação da pág. 20)

cupão. A sorte tem às vezes destes caprichos...

O sortieo será feito publicamente, em sitio e data a anunciar oportunamente, e a ele poderão assistir todos os concorrentes que o desejarem.

A firma Costas, Pinto & Santos, representante dos conhecidos Produtos de Beleza «Clipper», teve a amabilidade de nos comunicar que oferece 1 frasco de água de Colónia dessa marca (frasco de 1 litro) a cada uma das seguintes artistas: Maria da Graça e Cidália Meireles.

Também a firma Nieport & C.ª nos informou que oferecerá ao vencedor do concurso 1 cesto com 4 garrafas das selecções Nieport, os bem conhecidos vinhos do Pôrto.

Todos estes prémios são extra-oficiais. Devemos, porém, significar a essas firmas o nosso melhor agradecimento pela atenção dispensada à «Vida Mundial Ilustrada».

UMA GRANDE FESTA DE ARTE

Como fecho deste nosso concurso, vamos realizar uma grande festa de arte numa das principais casas de espectáculos de Lisboa. Nessa festa devem participar não só as nossas primeiras artistas de rádio como possivelmente algumas das grandes figuras do nosso cinema. O respectivo programma está sendo cuidadosamente organizado. A ele esperamos poder fazer uma maior referência já no nosso próximo número. Para a curiosidade dos leitores poder ser satisfeita bastará, portanto, aguardar apenas mais oito dias...

VEJA SE SCUBE RESPONDER

(Continuação da pág. 7)

— Byron, poeta inglês.

— Tântalo, na margem de um rio, e cercado de árvores, morto de fome e sede, não consegue beber nem comer, porque a água lhe foge dos lábios e os frutos das árvores se lhe escapam das mãos.

— A «Casa da Bonecas».

— Foi Santa Helena, mãe do Imperador Constantino.

— «Última ratio regum» — último argumento de reis.

— É um afluente do Guadiana e nasce em Espanha.

MEDICINAL

PASTA **COUTO**

TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou bismuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Couto, L.ª Pôrto

NOTAS DE GUERRA



Os guerrilheiros gregos nunca estiveram inactivos. Mesmo a partir da queda heróica da Grécia, as guerrilhas mantiveram o ocupante em permanente estado de sítio. Aqui vemos um grupo de guerrilheiros — e a vida de incômodas que leva, fica de certo bem expresso.

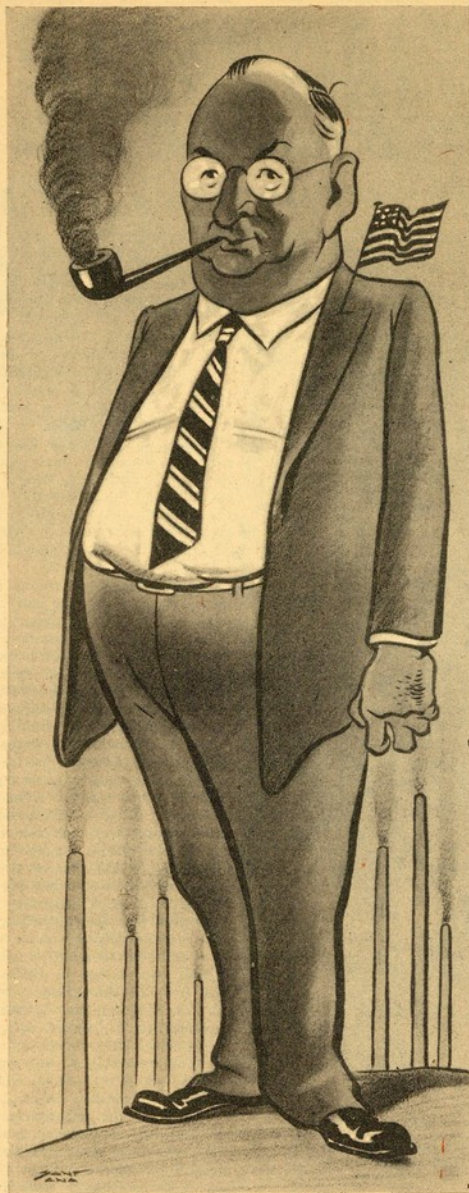


No golfo da Finlândia, a D. C. A. ligeira alemã está atenta ao inimigo que esprieta por todos os lados. Porém, o mais curioso da foto está nas vestimentas acolchoadas que os soldados envergam — e que fariam inveja a muitas senhoras elegantes do sul da Europa.



Éis uma cena de todos os dias, na China que está a ser bombardeada desde 1937. A fome, a peste, as inundações e a tantas outras calamidades que afligam o povo chinês, juntou-se a dos bombardeamentos. Uma bomba destruiu a casinha deste casal de velhos e feriu a pobre mulher. O marido cuida dela — e quanta resignada angústia não se reflecte no seu rosto!

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



DONALD NELSON — Ainda a guerra não surgira nas suas linhas precisas de catástrofe mundial, e já Donald Nelson avaliava, no silêncio do seu gabinete, das possibilidades de um grande país como os Estados Unidos, conquistarem a vitória no domínio da produção de guerra. A preparação dos exércitos, os transportes aéreos e marítimos, a manutenção de um equilíbrio de ordem interna — tudo, enfim, são partes de um conjunto importantíssimo para a marcha da guerra. A verdade, porém, é que sem uma marcha de produção acelerada e regular, não há possibilidade de os exércitos vencerem. Ora, essa possibilidade transformou-se, para os Estados Unidos, numa grande realidade, desde o momento que, à testa do Departamento da Produção de Guerra, foi colocado Donald Nelson, uma grande capacidade de trabalho, capaz de fazer girar, dentro da mais racional meto- dização de aplicação de capital — qualquer coisa como 50 bilhões de dólares — que tão grande foi a verba concedida, no último ano, para produzir armamento nas fábricas dos Estados Unidos. Assim, os canhões, as munições, tudo, enfim, que constitui material de guerra e sai das fábricas americanas — pode dizer-se que é administrado e mandado seguir viagem por este homem extraordinário, que é capaz de trabalhar 14 horas seguidas — para recomoçar o seu horário de serviço meia dúzia de horas depois...

(Caricatura de SANTANA)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXV - A campanha africana



Depois dos acalorados debates na Câmara dos Comuns, o Primeiro Ministro Churchill abandona aquele edifício, maior ainda na sua já incomensurável grandeza e prestígio.

A segunda batalha da Líbia desenrolara-se, como vimos, em duas fases completamente diferentes. Na primeira, o êxito britânico, embora não tivesse nem as características, nem as conseqüências da ofensiva fulminante que o general Wavel conduziu no inverno de 1940, saldara-se por uma afirmação incontestável de valor militar e de organização. Na segunda, os ingleses deixaram-se surpreender pela rapidez do contra-ataque de Rommel e foram batidos em velocidade.

O balanço geral da luta era-lhes nitidamente favorável. Isso não impedia que a sua vitória inicial tivesse, no conjunto, as proporções reduzidas e que o êxito da primeira hora não tivesse sido completamente explorado, como tudo fazia esperar. Era impressionante que, com as dificuldades de comunicações que tinha de remover, a Grã-Bretanha, depois de ter perdido o terreno conquistado uns anos antes, o pudesse recuperar quasi completamente a poucos meses de distância do aparecimento dos alemães no Norte de África. Mas estes continuavam a mostrar-se adversários duros e difíceis, mesmo em campanhas que, se não eram no estilo das velhas campanhas coloniais em que o soldado britânico se ilustrara, se desenrolavam fora das tendências predominantes entre o Estado Maior alemão.

A segunda campanha da Líbia encerrava, para ambos os beligerantes, uma série de ensinamentos valiosos. que, uns e outros, iam aproveitar na preparação da fase decisiva da luta que devia desenrolar-se ainda em 1942. Era compreensível, porém, que, perante o que se passara na Líbia, os animos se excitassem mais em Londres do que em Berlim, pois era na capital britânica que mais esperanças haviam depositado no desencadeamento da ofensiva britânica e era em Londres que maior necessidade havia de uma vitória espectacular, dado o carácter desagradável que a luta nas outras frentes revestia nesse momento para a Grã-Bretanha e para os seus aliados. E a verdade é que essa vitória, depois do contra-ataque de Rommel, não podia ser invocada como correspondendo inteiramente aos factos que se desenrolaram na Líbia e que assumiam, para os ingleses, uma grande importância.

REPERCUSSÕES PARLAMENTARES

Pode dizer-se que a primeira fase desta campanha da Líbia se desenrolou aproximadamente entre meados de Novembro de 1941 e meados de Janeiro de 1942, e que a segunda fase, favorável para os alemães, decorreu entre meados de Janeiro e o fim de Fevereiro de 1942. No decurso da primeira, a imprensa e os círculos oficiais da Grã-Bretanha deram um relevo merecido às notícias recebidas de África que eram fracamente encorajadoras. Como já acentuámos, criara-se a convicção, rapidamente generalizada, de que seria possível liquidar a resistência do Eixo no continente africano pela liquidação das forças germano-italianas e, especialmente, pela liquidação das suas forças blindadas.

As informações, que começaram a ser recebidas depois de 20 de Janeiro, contribuíram para desfazer esta impressão otimista e as que foram recebidas nos dias seguintes criaram mesmo um ambiente compreensível de inquietação que se reflectiu na atitude do parlamento. Essa inquietação era tanto mais compreensível quanto é certo *que ela surgia numa altura em que os reveses das armas bri-

tânicas, no Extremo Oriente, vinham coroar o desastre suportado pelos americanos em Pearl Harbour.

Na Câmara dos Comuns realizou-se, por isso, no dia 26 de Janeiro um importante debate sobre a condução geral da guerra em que intervieram oradores de todos os partidos e o que tem maior significado no parlamento inglês, oradores estranhos a qualquer filiação partidária.

Duma forma geral, o tom dos discursos proferidos era de crítica acerba, sobretudo ao que se passara no Extremo Oriente, e que revelava o grau de imperezação em que os aliados se encontravam naquela área quando se desencadeou a ofensiva nipônica. Mas os acontecimentos, que nos últimos quatro ou cinco dias, tinham ocorrido no norte de África eram também objecto de críticas igualmente vivas. Pode dizer-se que esse debate foi dos mais calorosos que se travaram na Câmara dos Comuns desde o início das hostilidades, pois os debates dessa natureza têm sido freqüentes e alguns deles emocionantes.

A ATITUDE DO PRIMEIRO MINISTRO

Nunca, desde a formação do governo nacional da sua presidência em Maio de 1940, fora tão difícil a posição do Primeiro Ministro. Nas horas mais graves da vida da Grã-Bretanha, por ocasião dos grandes bombardeamentos aéreos sobre a capital, a Câmara, como a nação, tinha-lhe emprestado um apoio total e entusiástico. Ninguém tinha dúvidas sobre a competência e o fervor com que o Primeiro ministro conduzia a política da guerra. Ninguém duvidava nem da sua fibra patriótica, nem da sua decisão.

Mas, tanto no caso da luta no Extremo Oriente como no caso da luta em África, e neste último mais do que no primeiro, era a sua orientação pessoal que muitos punham em causa, argumentando que essa orientação era passivamente aceite pelos chefes militares junto dos quais o sr. Churchill gosava dum incontestável prestígio, mas sobre os quais também tinha uma competência técnica e disciplinar que derivava da sua situação de ministro da Defesa Nacional.

Estes argumentos tinham uma incontestável correspondência nos factos. O Primeiro ministro da Grã-Bretanha conhecia com poucos homens do seu tempo, as questões militares mais complicadas e árduas. Possuía, além de uma formação profissional sólida (começara a sua carreira como oficial do exército), uma cultura inigualável de assuntos militares e uma experiência da arte da guerra que vinha do começo do século XX, quando tomara parte na guerra contra os «boers». Essa experiência fora singularmente acrescentada com a passagem pelo Almirantado, com a sua acção de oficial, em França, e com a organização da expedição dos Dardanelos, durante a primeira conflagração mundial. Era, por isso, geralmente conhecido como uma autoridade incontestável e como uma autoridade incontestável e como uma personalidade que punha ao serviço dessa autoridade um brilho de argumentação excepcional.

Dêsse conjunto de circunstâncias resultava que lhe atribuíam, geralmente, a responsabilidade de iniciativa em que a sua opinião, parcialmente conseguira prevalecer.

AS INICIATIVAS DO PRIMEIRO MINISTRO

Mas no caso da luta em África era um facto averiguado que fora por sua iniciativa que o governo britânico resolvera, no verão de 1940, enviar para o Egipto a única divisão blindada de que a Grã-Bretanha nessa altura dispunha. Foi com ela que se constituiu o núcleo da força com que o general Wavel atacou, em Dezembro daquele ano. Foi o conhecimento da sua existência que fez hesitar o marechal Graziani. Se os alemães, nesse ano, tivessem desembarcado em Inglaterra, a defesa do país encontrar-se-ia gravemente comprometida. Mas os alemães não desembarcaram. A defesa do Egipto foi acautelada, e a Grã-Bretanha pôde conduzir vitoriosamente a primeira campanha da Líbia, destruindo o grande exército que a Itália ali concentrara. A iniciativa ousada do Primeiro ministro salvara o Império britânico dum desastre que parecia eminente.

Criou-se, assim, nesta guerra um precedente como na outra guerra se organizara um precedente com o caso dos Dardanelos. Não era de estranhar que a personalidade vigorosa do Primeiro ministro aparecesse invariavelmente responsabilizada por tudo quanto se passava no domínio das iniciativas militares. Era geral a convicção de que a ofensiva do general Auchinleck, que ainda não conseguira nomeada a que os seus actos praticados mais tarde lhe deram direito, era, no fundo, a ofensiva Churchill. Os adversários do Primeiro ministro não deixaram de aproveitar a oportunidade para o colocar perante as suas responsabilidades.



No Cairo, sede do quartel-general das forças aliadas do Norte de África, a marinha britânica desfila durante uma luzida parada militar em que estão representadas tôdas as forças das Nações Unidas.

O sr. Churchill, reconhecendo a importância da decisão a tomar pela Câmara dos Comuns quando se procedesse à votação que devia encerrar o debate, e, convencido de que aquilo que fôra conseguido em África e no Extremo Oriente constituía o máximo que podia ser conseguido, dado o estado de impreparação a que o país fôra reduzido, aceitou a discussão e preparou-se para a enfrentar com a sua energia e com a sua decisão habituais. A confiança que, no final, lhe foi atribuída usou-a êle para reparar os prejuizos que haviam sido causados à execução dos projectos britânicos e para criar as condições em que devia desenvolver-se, ainda nesse ano, a campanha de África e havia de articular-se a réplica ao repto nipónico no Oriente.

OS OBJECTIVOS BRITÂNICOS

Na parte do debate em que foi tratada a evolução dos acontecimentos no Norte de África, o sr. Churchill revelou que o general Auchinleck, ao assumir o comando das forças britânicas que tinham o seu Quartel General no Cairo, pedira um prazo de cinco meses para ultimar os preparativos necessários a desencadear uma nova ofensiva. Esse prazo fôra, como os factos revelaram, bastante encurtado.

Em meados de Novembro, o general podia desencadear a sua ofensiva e a luta prolongara-se ao longo de dois meses com uma intensidade crescente e com tendências favoráveis para o ponto de vista britânico. Referindo-se às intenções que inicialmente animavam o comando britânico no Próximo Oriente, o sr. Churchill risse:

«O objectivo de Auchinleck era simples. Êle propunha-se destruir o Exército de Rommel. Era esse o seu e o nosso estado de espírito, há alguns meses nas vésperas de passarmos à acção. Tomámos uma decisão estratégica de grande alcance. Para darmos a batalha, concentrámos no deserto tôdas as forças de que dispúnhamos e aperfeiçoámos, ao máximo, os nossos preparativos na Líbia. Tivemos, para isso, de consentir um atraso — um atraso doloroso — na realização dos nossos restantes planos. Mas esperávamos, pelo menos, reconquistar a totalidade da Cirenaica e ficar, assim, de posse dos aeródromos de importância vital na área desta cidade.»

O sr. Churchill não fazia, portanto, nenhum segredo das suas intenções ao revelar êstes episódios de importância histórica. A Câmara dos Comuns já àquela hora sabia que êste plano, de vastas proporções, não puêra ser alcançado inteiramente. Mas o seu Primeiro ministro queria reivindicar tôdas as responsabilidades, acentuando que, para uma empresa de tal envergadura, não teria sido possível caminhar sem a utilização de todos os recursos de que a nação dispunha e sem relegar para segundo plano tôdas as outras preocupações por muito valiosas que elas parecessem.

AS VANTAGENS ALCANÇADAS

Do plano concebido puêra ser entretanto executada uma parte que era, sem dúvida, valiosa. O exército de Rommel não fôra completamente destruído. A Cirenaica não fôra reocupada, pelo menos não fôra completamente reocupada. Benghazi e os aeródromos que se encontravam nas suas proximidades haviam passado, de novo, para as mãos dos alemães. Isto significava que a campanha se havia malogrado por completo?

O sr. Churchill respondeu por uma negativa formal. O momento mais grave

da batalha fôra aquêle em que a crise de comando surgira, em 24 de Novembro. A situação puêra ser restabelecida graças à energia e à iniciativa pessoal de Auchinleck, a quem o Primeiro ministro prestava um caloroso tributo de admiração. Depois a batalha evoluçionara, com sorte vária. As suas palavras a êsse respeito não deixavam de traduzir um desapontamento transparente e compreensível.

«Mas mesmo depois de ver como o destino zomba dos esforços humanos e os inutiliza alterando todos os nossos planos, dizia êle, continuo convencido de que a decisão que tomámos foi a mais acertada.» Uma tal afirmação, dado o espírito em que se encontravam a Câmara e a opinião pública, era de molde a suscitar um certo cepticismo. O mesmo aconteceria algum tempo depois, quando o Primeiro ministro deu conta das condições em que conseguira sair de Brest a esquerda de batalha composta pelo «Scharnorst» e pelo «Gneisenau». Em ambos os casos o sr. Churchill afirmou que, no seu conjunto, essas duas operações militares, tão diferentes nos seus aspectos exteriores, se saldaram por um beneficio positivo para a Grã-Bretanha.

As aparências, em ambos os casos, contrariavam a sua convicção. Os factos que mais tarde ocorreram encarregaram-se de as justificar. Essa justificação, no caso da ofensiva Auchinleck, apparecia assim exposta: «Se não fôsse a nossa iniciativa e a decisão com que os comandos foram substituídos no decurso da batalha, a estas horas estaríamos possivelmente na linha de onde havíamos partido (a fronteira do Egipto). Tobruk teria caído e Rommel estaria a estas horas a caminho de Alexandria. Reconquistámos a Cirenaica e sabemos conservá-la em nosso poder. Não conseguimos destruir o exército de Rommel mas quasi dois terços dêsse exército estão destruídos e os seus elementos mortos, feridos ou prisioneiros.»

O FIM DO DEBATE PARLAMENTAR

No final do seu primeiro discurso, com que abriu o debate parlamentar sobre a marcha das operações em África, o sr. Churchill pôs a ques-

(Continua na pág. 30)

A acção de Auchinleck, nesta fase da Campanha cria novos alicios para a confiança de Churchill.



A PROPOSITO DE D. MARIA I

Onde se faz uma movimentada reportagem retrospectiva

Na época da minha chegada — diz-nos o duque de Chatelet — Lisboa encontrava-se num estado de intranquillidade impossível de pintar. Era a véspera do dia destinado à coroação da rainha. O povo corria de um lado para o outro, cantando-se e bailando-se ao som de uma guitarra ou de qualquer outro instrumento de corda, por grupos de quatro pessoas. Essa dança — seria o «maixes»? — era tão licenciosa que o pejo cora de a presenciar e não se atreve a descrevê-la.

Eu atravessei a multidão e fui alojar-me na Hospedaria Inglesa, situada em Buenos-Aires, uma das sete colinas de Lisboa: posição agradável, ao abrigo dos maus cheiros, de que a cidade é infectada no estio, e das chuvas que a inundam no inverno.

O Terreiro do Paço havia sido escolhido como lugar mais favorável para a cerimónia. As ruas que nela findam são belas e largas, e têm, assim como as de Londres, passeios de lajes para os que transitam a pé. Indo-se pelo lado fronteiro ao mar, entra-se nesta praça por um arco de Triunfo, de estilo dórico mas de tóca architectura. Debaxo dos edificios que orlam os três lados da praça há uma arcada, a qual seria muito bela se fosse menos acachapada.

Ao meio, voltada para o mar, eleva-se a estátua equestre de D. José I. Nela, na parte baixa, mandara o Marquês de Pombal colocar o seu medalhão de bronze.

Nas vésperas da coroação, porém, os seus inimigos fizeram-no arrancar, substituindo-o pelas armas da cidade. Ao inaugurar-se este monumento, afim de eternizar a reedificação de Lisboa e o rei que a autorizara, o poderoso ministro mandou cunhar uma medalha.

ATTITUDE NITIDA DA RAINHA

De um lado, figurava a estátua equestre de D. José e a inscrição «Magnanimo Restauratori»; e, do

outro, a cidade de Lisboa, representada na figura de uma mulher coroada, rodeada de architectos e de guerreiros, tendo-se a legenda: «Post fata resurgens». Mas tanto o monumento como a medalha só dão uma idéa modesta do progresso das artes em Portugal!

Após esta descrição, reentra o duque de Chatelet no seu movimentado papel de «repórter» de acontecimentos, precursor da viagem a Pombal:

— A coroação fêz-se com uma grande magnificência. Sucediam-se as salvas de artilharia e as aclamações de um povo imenso, o qual de todos os lados concorrera para assistir às festas.

Sómente a rainha — acentua o duque de Chatelet — não tomava parte alguma na alegria geral: estava contrangida. Os principais cortejos haviam resolvido pedir-lhe pelo povo a cabeça do Marquês de Pombal. Mas a rainha, informada desse propósito, não queria dar uma negativa, pois, embora não afeiçoada ao antigo ministro, respeitava néle o amigo de seu pai.

Eu próprio, embora estrangeiro, estava também instruído de tudo o que se tramava e quis, de perto, ser testemunha ocular do resultado. Corri, portanto, as ruas principais, na companhia de um francês versado na língua portuguesa e misturei-me, nos lugares mais adequados, com as multidões vindas dos quatro cantos da cidade e do país. Ao ver a importância dos successos, resolvi-me, então, a descrever estes e outros casos importantes.

EPISÓDIOS E INCIDENTES DAS ALTERAÇÕES

— Apenas se ouvia o nome de Pombal. Os ânimos estavam agitados e a desordem a ponto de rebentar quando appareceu um piquete de cavalaria com um official à frente. Este, dirigindo-se aos ajuntamentos sediciosos, prohibiu que se pronunciasse, sob pena dos mais graves cas-

tigos, o nome do Marquês de Pombal. A multidão foi, depressa, dissolvida.

O nosso fiel condutor prossegue, com a sua actualidade vivida no passado:

— As ruas, num instante, viram-se cheias de soldados de infantaria e de cavalaria. E, com tal persistência se empenharam em dissolver todos os agrupamentos de populares, que, no momento em que pretendiam recomeçar, o povo já se encaminhara para o Terreiro do Paço sem se decidir a coisa alguma.

Os fidalgos estavam confusos e ressentidos. Iam e vinham, manda-

vam recados. Do alto das arcadas lançavam sobre o povo olhares coléricos e gestos de impaciência. Tomara-se, no entanto, a sábia precaução de dividir o povo construindo sobre a praça trincheiras. A multidão, dividida, por si própria se repartiu e impellu para dentro dos vários sectores. Estava prisioneira de si mesma.

Ainda se ouviu uma espécie de rumor, e sete ou oito vozes gritaram: Pombal! Pombal! Mas foram no mesmo instante sufocados pelos gritos de:

— Viva a rainha!

E quem os lançava eram os partidários do Marquês desterrado. Uma grande quantidade de espectadores forçara a entrada das arcadas. A rainha ordenou, então, que os deixassem ali estar. Como as carruagens não podiam aproximar-se, até a soberana se viu obrigada a atravessar a multidão para entrar no coche. Este foi o momento mais doce da sua vida: uns lançavam-se a seus joelhos, outros beijavam-lhe a orla do vestido, demonstrando-lhe tal afecto que a sensibilizaram ao ponto de verter lágrimas.

A CORTE, VISTA PELO DUQUE DE CHATELET

Descrição pitoresca dos nobres post-pombalinos

A PENAS uma leve referência aos costumes e meios de vida post-pombalinos. Também nos baseamos no relato do duque de Chatelet — mas, forçoso é confessá-lo, ao deixar éle a descrição pura e simples, e ao pretender comentar os acontecimentos e as pessoas que o rodeiam, repete-se, banaliza-se e deixa de ser um animado «repórter» para se converter num banal «carruissel» de feira. Ora vejamos estas amostras... sem valor:

— A família real nunca janta em público. Quando se vai ao Paço, ninguém acha ali em que se assentar. — Os fidalgos empregados, junto da família real vão ao palácio todas as semanas, afim de entrarem em serviço. Alojam-se incômodamente: a sua mesa, muito mal servida, é mais própria para excitar o fastio que o appetite.

— Vou agora dar algumas idéias do carácter das principais personagens desta corte: a rainha-mãe é uma mulher firme, resoluta; e une à instrução muito espirito; dissimulada e altiva, é, acima de tudo, ciumenta. Todos a consideram pouco afeiçoada aos francezes. Ela lembra-se, ainda, de que, educada para casar com Luís XV, teve a mortificação de se ver despedida da corte de França. Ama a caça com furor, corre atrás dos animais bravos com a agilidade de um homem. Tinha grande aversão ao Marquês de Pombal, mas não a confessava em público, por éle ser mais poderoso que ela.

A FARSA E A TRAGEDIA

Após a descrição, consideravelmente exagerada, das doenças peculiares de qualquer pessoa, mas mais públicas, por maior ser a sua visibilidade, na familia dos Braganças, o duque de Chatelet conta estas inconcebíveis farsas e tragédias:

— O arcebispo de Braga, irmão do rei D. Pedro, tem sido o menos atormentado da familia; reside sempre no seu arcebispado. Tem-se buscado retirá-lo dall, afim de viver junto do soberano seu irmão. Ele tem lido o convite, suspeito de que o motivo seja outro. Alguns discursos, menos discretos, criaram-lhe inimigos. Passando por Braga, foi visitá-lo e, segundo o uso da corte de Portugal, «beijar-lhe a mão». Ele mandou-me assentar, derogando as severas regras da etiqueta, o que algumas vezes pratica aos estrangeiros que quer tratar com distincção. Foi-me impossível avaliar nada da sua conversação por só falar a língua do país.

Após isto, prossegue o nosso duque de Chatelet com a sua evidente leviandade:

— Ainda há outros dois irmãos do rei. Estavam desterrados, vai para doze annos, e estreitamente encerrados num mosteiro a cinco léguas de Coimbra. Este horrível asilo está situado sobre uma alta montanha. E ella encontra-se coberta de neve durante nove meses do anno.

A rainha abre-lhes a porta da

cadela-mosteiro. Eles, porém, não podem aproveitar a generosidade da rainha, porque as finanças do reino estavam em muita desordem. E, sendo necessário dar a esses principaes o apanágio próprio da sua condição, «têm continuado em Coimbra e creio que all se conservaram ainda longo tempo».

O tradutor do alegre francez, o qual se deve tomar dentro da sua boémia, comenta, depois de haver rectificado outras incorrecções: — Saíram de Coimbra, os infantes, pouco tempo decorrido, para irem estabelecer-se na corte, onde passaram o resto da vida.

O INQUISIDOR... INQUERIDO E SUPRIMIDO

Escrevendo sobre a rainha-mãe de D. Maria I, escreve de Chatelet, tomando por base qualquer das extravagâncias e intrigas do tempo:

— Conta-se, por motivo desta inimizade, um caso muito singular. Eu não o affiançarei, apesar de me ter sido certificado por pessoas muito dignas de fé.

O resumo, bem interessante pelas desproporções, é este: a rainha, informada de que a principal função de João de Carvalho, inquisidor-mor, é espioná-la também, a essa categoria tendo sido elevado pelo irmão, o Marquês de Pombal, não está, ella, a soberana, com meias medidas:

— Ella matou-o com uma espingarda de caça. Certo é, éle, João de Carvalho, ter entrado na régia Câmara e desaparecer para sempre. Se a rainha não teve escriptulo para cometer semelhante crime, parece que mais útil lhe seria — concluir Chatelet — desfazer-se do próprio Marquês de Pombal.

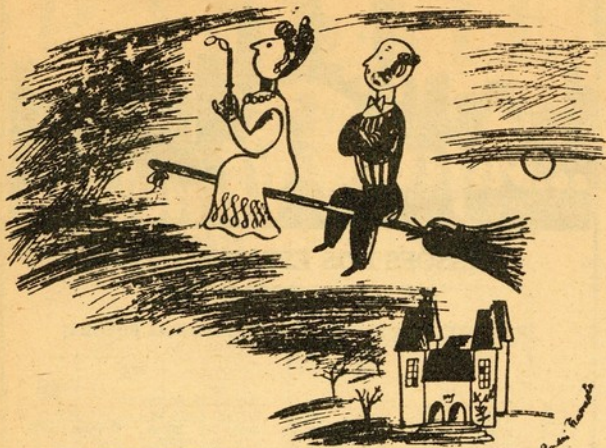
Origens destes ódios e lutas a tiro de caçadeira? Ter-se negado o infante inquisidor-mor a pôr o «visto» em quaisquer regulamentos. Então, dá-se a mais inverosímil das tragédias burlescas:

— «O Marquês insistiu sobre a necessidade de fazer imprimir os regulamentos. Quize dias depois voltou o infante, que estava com outro irmão, insultaram o Marquês de Pombal, arrancaram-lhe a cabeleira e bateram-lhe com ella na cara, puseram-no fora do quarto e disseram-lhe que podia ir, queixar-se ao rei. Elle fez isso no próprio instante, lançou-se a seus pés e representou-lhe a indecência com que acabavam de tratar o seu ministro. A cólera do rei D. José foi extrema. Desterrou os dois infantes que, depois disso, nunca mais tornaram a apparecer na corte. A serem mais sagazes — conclue o duque de Chatelet, arregalando os olhos espertalhões — poderiam ter aproveitado esta occasião para se desfazerem do Marquês de Pombal».

Ensina, por fim, vários processos tipicamente parisienses, de incinerar os inimigos. E, após tantas matanças, põe a pena de lado, esfaldado, e nós também.

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA





— A senhora Marquesa perde o seu tempo ocupando-se em ciências ocultas...

MISCELANEA

SEGUROS

- Como vai?
- Cá vou indo.
- E de que vive?
- Ora, ainda estou vivendo daquela parede que me caiu na cabeça, o ano passado...

NA FARMÁCIA

O farmacêutico — Que idade tem o cão que a senhora pretende envenenar?
 — Quarenta e nove anos. É o cão do meu marido.

CRIADAS...

A patroa — Às 7 horas da manhã tomamos o café.
 A criada — Está bem, minha senhora. Mas se a essa hora eu não estiver levantada, agradeça que não esperassem por mim...

DA HISTORIA

PRUDÊNCIA

O escritor italiano Piccini foi convidado a jantar em casa de um seu amigo.
 — Não nos dará nenhuma maçada. Nem mesmo farei nenhum jantar especial para si.
 Resposta de Piccini:
 — Hoje não... Mas quando fizer um jantar especial, avise-me...

MÁ IDÉIA

Gerard de Nerval fizera uns versos em que definia o homem deste modo:
 — Os homens são a idéia de Deus.
 — Deus faz cada uma... — comentou um seu amigo, pensativo.

ERA PERIGOSO

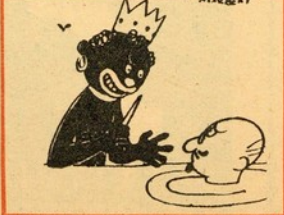
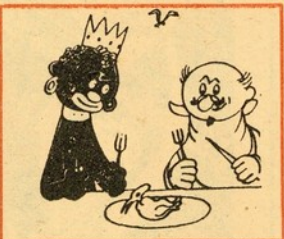
O estadista italiano Francesco Crispi pensava entregar a Don Bosco a direcção da penitenciária de Turim, mas à última hora desistiu.
 — Porquê? — perguntaram-lhe.
 — Conheço bem Don Bosco — respondeu ele. — É homem capaz de transformar todos os presos em padres. E creio que padres já temos bastantes por aqui...



— Ena! O combóio já fugiu!
 — Pois! Pregaste-lhe um susto!



— Enfim, sempre salvámos a planta da casa!..



O CONVIDADO

FÁBULAS DE HOJE

Percalços de um homem rico

O meu amigo Temudo é esse sujeito atarracado, rosto redondo como as mãos dos moínhos, olhos ignorantes mas vivos, e que anda metido em indústrias e comércio, fazendo de inofensivos caroches de azeltona, de pílulas milagrosas para curar o catarro, e de ferros-velhos, que, mesmo enquanto novos, nunca tiveram utilidade, o «volfrâmio» que lhe enche os bolsos de milionário várias vezes.

Confessemos que ele é um tanto ou quanto obtuso, até certo ponto desonesto, mas dotado, no fundo — valha a verdade! — dum excelente, dum excelentíssimo coração; é por isso que eu gosto dele.

Pois deparei há dias com o meu amigo Temudo — furioso, como nunca o tinha visto assim em minha vida.

— Imagine Você — disse-me ele sem mais preâmbulos, — que acabo de ser ludibriado, eu, o seu amigo Temudo, como qualquer imbecil! — Aparece-me ontem, no escritório, o miserável do «X», esse parasita que devia andar com um letreiro na testa, para salvaguarda dos cidadãos incautos. E esse diabrête de falas mansas, mas a quem nunca conheci uma ocupação, lá conseguiu extorquir à minha boa-fé, a título de empréstimo, quinhentos escudos. Você sabe — até Você sabe isso! — que não é regra de boa administração emprestar dinheiro a um homem desempregado. Pois bem, eu emprestei!

Limpou o suor que lhe cobria as faces e prosseguiu:

— E ontem mesmo, ontem à noite, vou encontrá-lo num dos melhores restaurantes da cidade, ao lado duma espanhola loira — dessas espinholas que a lusa tansice importou e entretém com as suas carficias e com algumas substanciais notas de Banco — e diante duma mesa óptima e coberta, o seu talento de homem sem escrúpulos a distribuir-se em sorrisos para a beleza loira e em cerimoniais meneios para um admirável prato de caviar.

Cumprimentei a dama e chamei-o de lado.

— Então Você, pede-me quinhentos escudos, como se estivesse a sufocar na miséria, e vejo-o agora aqui, com uma companheira que só entende a língua do Banco de Portugal, e diante dum estupendo prato de caviar. Explique-se!

O «X» pôe os olhos no céu — melhor, no tecto — toma as ares mais inocentes do mundo, e fala:

— Há coisas que eu não compreendo! Quando não tenho dinheiro, não posso comer caviar. Agora que tenho dinheiro, também não posso comer caviar. Quando é que eu posso, então, comer caviar?!!!

O meu amigo Temudo não achou palavras para estoirar com aquêl mafarrico. Não pôde, por isso, expandir a sua fúria, que expandia agora, gloriosamente — pela boca, pelos olhos, pelo nariz, pelos poros do corpo todo — comigo, que sou homem pacato e que não gosto de estar em desacôrdo com as pessoas.

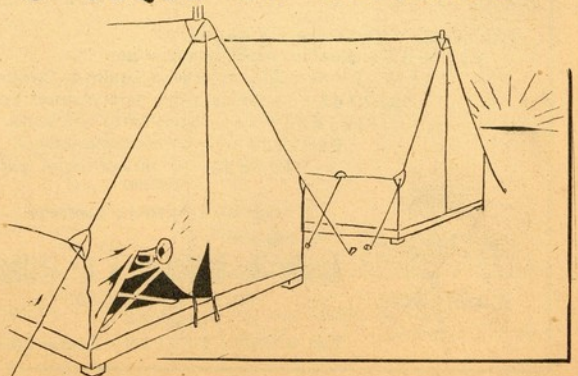


— Confesso que não percebo... Acabo de sair da barquinha e o balão continua descendo...



— Sou muito velho e a menina muito nova. Quere ser rapidamente a minha viúva?

O TOQUE DA ALVORADA





HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

tão de confiança. Depois d'ê, usaram da palavra vários oradores, tendo a discussão prosseguido durante dois dias. Para lhe pôr um termo, o sr. Churchill voltou a falar explicando, mais pormenorizadamente, as razões que o levaram a encerrar sem um pessimismo exagerado os acontecimentos e a sua evolução.

Pela primeira vez recordou a necessidade de aliviar os russos da pressão esmagadora que sobre eles exercia a Wehrmacht, recordando aos seus ouvintes que a Grã-Bretanha não fazia uma guerra isolada, mas uma guerra de coligação em que a sorte dos exércitos aliados interessava tanto como a sorte dos próprios exércitos.

«Criámos um segunda frente no deserto ocidental, disse êle, que nos deu oportunidade de desencadarmos uma campanha ofensiva contra a Itália e a Alemanha em condições particularmente desfavoráveis para êstes dois países. Em nenhuma outra parte do mundo temos oportunidade de tirar resultados tão satisfatórios como aqueles que poderemos conseguir em África. Já uma vez ocupámos o território da Cirenaica. Mas mesmo que tenhamos de o percorrer ainda uma terceira vez, não há razões para deixarmos de considerar proveitosa a campanha que acabamos de conduzir e não há motivos para supor que a campanha em África representa um motivo de esgotamento para os nossos adversários.»

Os exércitos britânicos teriam ainda, efectivamente, de percorrer uma terceira vez o território da Cirenaica. Mas, quando isso aconteceu, os seus adversários estavam manifestamente esgotados pelo péso das campanhas anteriores, entre as quais se contava a que resultara da ofensiva Auchinleck. No final do debate, a moção de confiança que o Primeiro ministro apresentara foi votada por uma grande maioria, pela quasi unanimidade da Câmara, quatrocentos e sessenta e quatro votos contra um.

OS ENSINAMENTOS DA BATALHA

No final da campanha o «Times» publicou um artigo, curioso por todos os títulos, em que resumia as suas peripécias principais e tirava as conclusões indispensáveis dos ensinamentos recolhidos. «Ao fim de oito semanas de combates ininterruptos, dizia-se nesse artigo, a missão que o general Auchinleck se propusera foi realizada, em grande parte. Perdeu-se uma parte importante das forças blindadas de que Rommel dispunha. Mas as nossas perdas foram pesadas. Pelo preço que pagámos recebemos algumas lições valiosas, que muito nos hão-de aproveitar no futuro. A primeira dessas lições é que na luta de «tanks» o que conta é o poder do fogo. Os alemães empregaram artilharia de grande mobilidade em estreita cooperação com os carros, e foi essa uma das suas vantagens. Mas os homens do 8.º Exército apreenderam, rapidamente, esta lição e, poucos dias depois de a haverem recebido, nós tínhamos em operações várias colunas móveis fortemente artilhadas.»

Outra das lições essenciais colhidas durante a segunda campanha da Líbia era a que dizia respeito à recuperação do material blindado, no decurso da batalha. Os serviços de recuperação do «Afrika Korps» haviam funcionado admiravelmente, segundo a opinião unânime dos críticos militares ingleses. Só isso impedira que as forças blindadas de que Rommel dispunha tivessem sido completamente aniquiladas. «Se as divisões alemãs — dizia o crítico do «Times» — não estivessem excelentemente servidas a êsse respeito, teriam sido completamente liquidadas ao fim de quinze dias de luta. O número de «tanks» alemães avariado era elevado. Mas um grande número d'êles reaparecia pouco depois. Depois dum dia de luta incessante, muitos dos carros avariados eram reparados durante a noite para recomencem a combater no dia seguinte.»

E o articulista concluía desta maneira: «Aparte esta capacidade de recuperação, os alemães não apresentaram nada de novo em matéria tática no decurso desta segunda campanha da Líbia.»

(Continua)

PAPYRUS

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



PAPYRUS
Extra Strong

À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75	
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56	
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	WBOS 19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9			
20,45							
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	25,3	WGEX 25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX 25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ 30,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77	

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

Ela eleva aos Céus o produto querido do seu coração!

CREME Eglon VIREL

O único que lhe fez voltar ao rosto a juventude perdida!

INSTITUTO VIREL
R. DA SAUDADE, 2.ª • LISBOA, TEL. 20472

★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

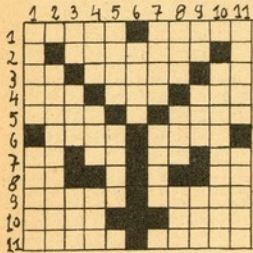
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA À R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 28

Por Artur Mário da Mota Miranda Faro



Enunciado

HORIZONTAIS: 1 — Fértil; abalar; 2 — Pequena flecha de selva-gens; 3 — Ataque de paralisia; céreo; arralal; 4 — Hora do ofício divino; a pibe; castigo; 5 — Dificuldade; agregar; 6 — Notícia; espécie de curare; 7 — Bêtele; língua que outrora se falava ao sul do Loire; solitário; pôreo; 8 — Prefixo que denota direcção; outra coisa; 9 — Corajoso; conforme; 10 — Jarro (planta); cacete; 11 — Atormentar; depósito de pólvora e apetrechos de guerra.

VERTICAIS: 1 — Cavaleiro armado de lança no exército alemão ou austriaco; retribuir; 2 — Rosnada; 3 — A consciência; ocasião; nome de árvore cuja casca aromática o vinho; 4 — Chefe etíope; princípio; género de plantas gramíneas; 5 — Chefe muçulmano; quebrado; 6 — Planta de fibras têxteis; 7 — Cantiga; modas; 8 — Feixe; constelação austral; base aeronáutica portuguesa; 9 — Indivisível; partida; quadrúpede ruminante; 10 — Crítico; 11 — Orar; preparado destinado a evitar que o vinho azede.

PROBLEMA N.º 27

Solução

HORIZONTAIS: 1 — Harém; corta. 2 — Acabo; oleol. 3 — Valar; rimam. 4 — Emanar; avivo. 5 — Rasos; raras. 6 — Marca; calma. 7 — Avoar; adail. 8 — Limpa; lotam. 9 — Tapai; irada. 10 — Ereos; mesas.

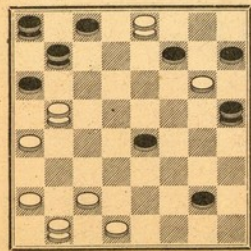
VERTICAIS: 1 — Haver; malte. 2 — Acama; aviar. 3 — Ralas; rompe. 4 — Ebano; capão. 5 — Moras; arals. 6 — Corar; calim. 7 — Oliva; adore. 8 — Remir; latas. 9 — Torrava; miava. 10 — Almos; almas.

DAMAS

Problema n.º 28 (Concurso)

Por Humberto Marques Fernandes (Póvoa do Varzim)

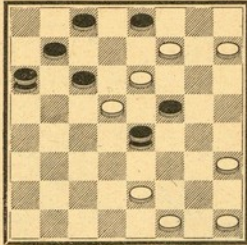
O autor dedica este problema (o primeiro produzido pelo autor) ao seu grande amigo e «mestre», António José Loureiro, da Póvoa do Varzim.



Jogam as brancas e ganham.

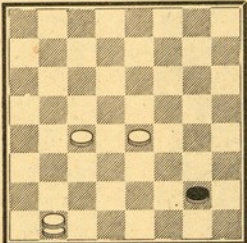
Problema n.º 29 (Concurso)

Por António T. D. Amendoeira (Arcozelo-Granja-Gaia)



Jogam as brancas e ganham.

Final de Jogo n.º 7 (Concurso) Pelo capitão Evaristo António Borges (Pôrto)



Jogam as brancas e ganham.

Nota — Esta bem simples composição pode considerar-se um empate, porque a respectiva solução é muito difícil de conceber.

Temos a honra de dedicar o presente trabalho ao campeão de Lisboa, de jogo de «Damas», Ex.º Senhor David Fernando Martins.

Final de jogo n.º 7 (Concurso)

(Solução)

1.ª Hipótese

2-15	15-29	29-12	12-3
22-18	24-15	18-14	14-11 (*)
9-13	3-10		
			g.
21-17	P		

(*) Se ao 4.º lance as pretas fizerem 21-17 ou 21-18, as brancas respondam com 9-13 ou 3-6 e ganhavam.

2.ª Hipótese

2-15	20-23	23-28	15-29
21-18	18-14	22-18	24-20
29-25	28-32 (D)	ou 9-13	
			g.
20-15	P		

3.ª Hipótese

2-15	9-13	15-8	8-1
21-17	17-10	24-15	P

Nota — Desde que ao 1.º lance as brancas não façam 2-15 empata-se sempre, como a seguir passamos a demonstrar:

1.ª Hipótese

20-23	2-5	5-19	19-29
22-19	19-15	15-11	11-6
23-28		28-32 (D)	29-25
6-3 (D)	24-20		21-17
32-28	25-29	29-25	
20-16	3-7	7-3	Empatado.

2.ª Hipótese

2-6	6-20	20-11	11-25
24-15	22-19	21-17	19-15
25-29	29-12		
			Empata
17-3	13-10		

3.ª Hipótese

20-23	2-5	5-14	14-25
22-19	19-15	26-22	22-18

25-20

24-15

Empata.

20-23

22-19

2-11

11-25

19-15

26-21

Empata.

Problema n.º 27

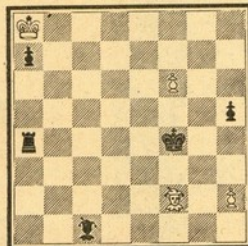
(Solução)

3-7	16-20	25-29	10-14
21-4	23-7	19-12	17-3
2-20	14-18	29-17	
			g.
24-15	22-13	P	

XADREZ

Estudo (n.º 3)

Por A. GULAEV



Jogam as brancas e ganham.

ESTUDO

Por Dr. Carreiro Neto

(Solução)

1. R C 7, f 7; 2. C d 3, h 4; 3. C e 5, C g 5; 4. R e 8 C e 6; 5. C f 3, h 3; 6. C g 5, R g 6; 7. C x e 6, 2; 8 d 8 = D h 1 = D; 9. D g 5, R f 7; 10. C d 8, e ganha dentro de 3 ou 4 lances.

ERRATA

No problema de V. de Barbieri, publicado em 4-5-944, onde está uma rainha preta, é um rei preto. São gralhas tipográficas impossíveis de evitar. Que nos desculpem os nossos leitores.

ATENÇÃO

Num dos próximos números faremos referência ao jantar que se realizou no Estoril em honra das Equipas que tomaram parte no 4.º Campeonato de Xadrez de Lisboa Inter-Clubes.

CHARADAS

APOCAFADA

1) O matrimónio é norma social. — 2-1.

Lisboa

Jim Joyce

2) Os maus detestam a luz da razão. — 3-2.

Lisboa

Pato Bravo

3) O dador de sangue, com o seu nobre gesto, alivia muito mal. — 3-2.

Lisboa

Miúdinho

4) Estabilidade na vida, só a consegue um ânimo forte. — 3-2.

Lisboa

Jim Joyce

Soluções do n.º 154

1) Ravasca. 2) Caserías. 3) Encargo. 4) Compaixão. 5) Alento.

6) Indigno.

Soluções do n.º 156

1) Brandura. 2) Apenas.

Ventura
fia-se...
Por ZÉCO



— Mas então quem era aquele cavaleiro com quem estava a falar?
— Sei lá!...



— Não sabes e dizias-lhe «amor»?!
— Dizias-lhe «amor» exactamente por não saber como se chama!...

AS DUAS CARTAS

Conto de António Fernandes — Desenho de RUDY

CONTRA o costume, chegou a casa cedo e mal-humorado. A irmãzinha que lhe abriu a porta leu-lhe logo no semblante o que lhe ia no âmago. Contraiu os lábios desdenhosamente e abalou a correr para a cozinha. Antes de entrar para o quarto, ele ainda pôde ouvi-la dizer para a mãe: «Hoje vem com a telha!» — mas isso deixou-o indiferente. Estava por demais preocupado para ligar importância às irreverências da irmã. Desplu o casaco e pendurou-o nas costas de uma cadeira. Sentou-se na beira da cama para se descalçar, mas reconsiderou: «Depois de escrever terêi que ir deitar a carta no correio. É preciso que lá chegue amanhã. Tenho que acabar com isto o mais depressa possível». Sentou-se, então, à pequenina mesa e preparou-se para escrever. Como começar? Tratá-la por «tu» ou por «você»? Visto que iam passar a ser estranhos um para o outro, era natural que começasse a tratá-la por «você». Porém, parecia-lhe um pouco ridículo. Eles não se tinham zangado. Tudo lá acabar, porém, sem zanga. Bem, tratá-la por «tu», como até ali. Se tivesse coragem de lhe dizer pessoalmente as palavras que a dizer-lhe por escrito, era assim que a trataria. Mas como arranjar coragem para lhe falar agora que ela passara a ser-lhe indiferente? Indiferente. Sim, era indiferença o que ele agora sentia, uma indiferença que surgira repentinamente, sem ele mesmo saber como. Depois de dois anos de namoro reconhecera que nada o ligava a ela, que nem um desses laços invisíveis de comunhão espiritual perdurava. Tudo desaparecera lentamente, sem a sua percepção, encontrara-se de súbito cansado, vazio e triste. Não podia perceber como aquilo pudera acontecer. Tentara vencer aquele desânimo, mas em vão. Nos últimos tempos ele regressava a casa entediado, sonolento, parecendo-lhe que lhe faltava qualquer coisa... Atribuído o facto às suas preocupações monetárias e aos aborrecimentos que ultimamente lhe haviam acontecido na repartição. Mas agora via claramente que estava diante duma realidade inofismável. Amara-a — ou julgara amá-la — durante dois anos, com todo o fervor. Afinal, aquilo não fora amor nem nada...

Mas a carta? Como havia de começar? Todas as frases que lhe acudiam lhe pareciam cínicas e vãs. Queria abandonar o clássico «desculpa o tempo que te fiz perder», mas não sabia por que caminho desenvolver. Queria também evitar a ridícula devolução de cartas, retratos e presentes, mas reconheceu que depois do que ia acontecer era muito natural que ela deixasse de confiar nele como até ali. Procuraria ser franco ao expor-lhe as razões do seu afastamento, e convencê-la de que a necessidade da separação era irremediável. Porém, ela compreenderia? Pobre pequena! No fundo tinha pena dela porque sabia que iria sofrer. Mas não remediava nada estar com sentimentalismos. Acomodou-se melhor na cadeira e começou a escrever.

Quando acabou, sentiu uma espécie de satisfação íntima. Parecia-lhe ter alcançado o resultado que pretendia. Afinal, bastara-lhe ser sincero. Não deixara de gostar dela (o termo «gostar» parecia-lhe mais adequado) para gostar doutra. Não, nada disso. Compreendera simplesmente que nada mais o ligava a ela. Como, nem ele próprio sabia. Fôra o fruto de um ou dois meses de regressos taciturnos a casa, uma espécie de alheamento e incompreensão da parte dela... enfim, ela devia fazer justiça à sua lealdade. Desde o momento em que descobrira aquilo, pensara comunicar-lho, mas faltara-lhe coragem. Nem mesmo a tinha para se despedir dela. Que lhe desculpassse essa falta de respeito, mas assim era melhor. Terminava desejando-lhe muitas felicidades (como a frase lhe parecia cínica) e dizendo-lhe que poderiam continuar a ser amigos, se ela o desejasse.

Fechou a carta e endereçou-a. Procurou sêlo na carteira, mas não encontrou. Foi ao corredor e chamou a irmã. A pequena acorreu pressurosa.

— Há selos cá em casa?
— Selos, para quê?
— Para uma carta; para que havia de ser!
— Ah! Não sel. Vou perguntar à mãe. Espera, lá me ia esquecendo. Está ali uma carta para ti, que chegou hoje. Vou buscá-la. E abalou, sempre a correr. Quando voltou, trazia uma carta. Sêlo, não havia. Ele olhou para o sobrescrito e o coração deu-lhe um salto brusco. Era a letra «dela». Rasgou apressado o envelope e começou a ler. E



enquanto lia, pintava-se-lhe no rosto a maior série de emoções que lhe fôra dado suportar. A irmã contemplava-o em silêncio. Também ela reconhecera a letra. Só quando ele acabou a leitura reparou na pequenita. Fechou a porta, sentou-se, e voltou a ler a carta:

«E depois de grande luta interior que me atrevo a escrever-te. Se o faço é somente para tua tranquilidade e não para procurar justificar-me, porque o que aconteceu em nada foi devido à minha vontade. Embora nada me tenhas dito, vi pela tua atitude nos últimos tempos que estás a par de tudo. Não sel quem to revelou. Talvez minha mãe, embora eu lhe tenha pedido a mais absoluta discreção. Se não m'o deste ainda a entender foi por consideração para comigo — sel-o. Agradeço-te e felicito-me pela confiança que depositas em mim, tão grande que mesmo sabendo que o teu melhor amigo me persegue com declarações de amor, tens fingido ignorá-lo, dando aos meus esforços plena liberdade para conseguir afastá-lo, o que até agora não conseguí. Também deves ter reparado numa ligeira mudança em mim, mudança que tenho procurado tornar imperceptível, mas — como tu — não tenho conseguido disfarçar em absoluto. Várias vezes decidi dizer-te o que se passa, mas sempre me tem faltado a coragem. Receava as tuas explosões de cólera, e tinha sérias razões para não desejar ver-te envolvido numa questão com o teu melhor amigo, por minha causa. Isto começou há dois meses. Desde essa data, ele tem-me perseguido quasi diariamente com os seus protestos amorosos, declarando-me que me ama como tu nunca me poderás amar, que se matará se eu não o ouvir, que não pode viver sem mim... A princípio tomei-o a brincar, tanto mais que falava sempre com todo o respeito, mas em vista da sua assiduidade e persistência, confesso-me desarmada porque já usei todos os meus recursos para o afastar; porém, em vão. Ameaço-o de te contar tudo, mas finge não te recer; digo-lhe que me é impossível gostar dele porque te amo, e asseguro que estou enganada... E doído, verdadeiramente doído. Todas as vezes que me abria a boca para te contar, assaltava-me o recelo daquilo que o teu feito impetuoso poderia gerar, e calava-me cobardemente. Porém, reconheço que tenho feito mal. Há já vários dias que não vens cá a casa, por certo aborrecido de esperar em vão que eu te fale e, entretanto, ele que todas as noites tem rondado a minha casa, escreveu-me já hoje dizendo que tens passado as noites no café em companhia de vários amigos, que o teu amor por mim arrefeceu, e mais coisas que me envergonho de te dizer. Não sel, verdadeiramente não sel que fazer. Pensei mandá-lo prender, mas com que fundamento? E depois o escândalo? Ele anda cada vez mais doído e ousado. Ainda ontem veio bater-me à porta e pretendeu entrar em casa. Tive de gritar por minha mãe, e só quando ela apareceu é que ele fugiu. Pego-te que venhas ver-me e me perdoes só agora to contar, e por escrito, mas agora mais do que nunca preciso de ti a meu lado.

P. S. — Pego-te encarecidamente que, antes de tomares qualquer resolução, fales comigo». Quando acabou a leitura teve de sentar-se por instantes, porque parecia que a vista lhe fugia. Ah! o canalha! Com que então, muito amigo pela frente e preparando-se para lhe dar uma facada pelas costas, roubando-lhe a pequenita. Era incrível, o seu melhor amigo! Agora se lembrava de que por várias vezes o encontrara a rondar o sítio. Quando lhe perguntava o que fazia por ali, respondia com evasivas. Claro, só poderia mentir, o bandido! E ele, parvo, que de nada suspeitava. Mas para lá ia ele de carrinho... Veria... Roubar-lhe a pequenita, aquele biltre! Como se ele o consentisse! Atrever-se, ainda por cima, a dizer que a amava mais do que ele, o namorado, o futuro marido! Que bandido, hein! Vá lá a gente fiar-se em amigos... Havia de passar-lhe um correctivo que lhe ficaria de memória! Deixaria de ser estúpido de uma vez para sempre. Então, o idiota não se atrevia a pensar que ela, tão linda, tão graciosa, tão inteligente, poderia ser alguma vez para ele!? E ousar importuná-la! Ah! caramba! Só pensar nisso lhe fazia ferver o sangue nas veias. Cão fôsse ele, se não lhe pusesse os ossos num feixe.

Estava no meio desta ira quando bateram à porta do quarto.

— Quem é?
Respondeu-lhe a voz da irmã:
— Sou eu, abre.
Foi abrir e, de mau modo, perguntou:
— Que queres?
Ela mostrou-lhe um rectângulozinho:
— É um sêlo. A mãe encontrou-o.
Ele franziu o sobreenho:
— Um sêlo? Para quê? Ah! sim, o sêlo! Já não é preciso, obrigado.
E foi-se à carta e rasgou-a...

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 2 5844